

LIVRO DE NEEMIAS

AD EXPERIMENTUM

Texto provisório,
destinado à recolha de contributos dos leitores,
no sentido de aperfeiçoar a sua compreensibilidade.
Os comentários devem ser enviados para o endereço eletrónico:
biblia.cep@gmail.com

Versão de 1 de maio de 2026

INTRODUÇÃO

O livro de Neemias consta de duas partes. Os capítulos 1-7 contêm o relato, na primeira pessoa, do processo de reconstrução das muralhas da cidade de Jerusalém. O protagonista, Neemias, enviado pelo rei Artaxerxes como governador da província de Judá, anima o povo a empreender este projeto e a levá-lo a bom termo, apesar da oposição. A segunda parte do livro (8-13) narra a etapa final do restabelecimento do povo de Israel em Judá e Jerusalém: a assembleia de renovação da aliança (8-10); o repovoamento da cidade de Jerusalém e a cerimónia de dedicação das muralhas (11-12); as reformas empreendidas por Neemias por ocasião do seu segundo mandato (13).

Contexto histórico

A narrativa contida no livro de Neemias começa em Susa, residência de inverno dos reis da Pérsia. Neemias, o protagonista, desempenha ali as funções de copeiro real. Informado do estado funesto em que se encontrava a cidade de Jerusalém, decide pedir a Artaxerxes que o envie com a missão de restaurar as muralhas da cidade. Mais à frente na história, compreendemos que o rei o havia nomeado governador de Judá e que é nessa qualidade que Neemias assumiu a responsabilidade de liderar o processo de reconstrução das muralhas. Estamos no ano de 445 a.C.

A historicidade dos factos que constituem o núcleo do relato é quase unanimemente aceite, reconhecendo-se que judeus exilados assumiram cargos de relevo na corte dos reis persas; que um destes judeus possa ter sido enviado como governador da província de Judá; e que a reconstrução das muralhas de Jerusalém foi um projeto sancionado ou, pelo menos, tolerado pelas autoridades persas.

A questão mais debatida é a extensão e dimensão da assim chamada muralha de Neemias. A dificuldade em identificar o traçado desta muralha e o facto de a obra ter durado apenas 52 dias (6,15) levam muitos autores a considerar que se tratou apenas de reconstruir a muralha que rodeava a parte alta da cidade, isto é, a zona circunvizinha ao templo. Outros, pelo contrário, creem que Neemias e o povo reergueram a muralha que havia sido destruída pelos babilónios em 586 a.C., de acordo com o seu traçado original. À espera de novos dados arqueológicos, a questão permanece em debate.

O relato dos capítulos 8-13 é mais difícil de avaliar historicamente. A confluência de Esdras e Neemias, os dois protagonistas principais do processo de restauração, nos capítulos dedicados à cerimónia de renovação da aliança, parece ser fruto de uma idealização tardia dos acontecimentos. A inauguração da muralha é igualmente um relato com forte coloração teológica, como se fosse a dedicação ou consagração de um templo. Entretanto, uma tal cerimónia, assim como a iniciativa de repovoar a

cidade, podem ter sido realidades de algum modo verosímeis. De facto, Neemias pode ter sido reenviado pelo monarca persa, após uma breve permanência na corte; é perfeitamente plausível. O relato das reformas empreendidas, pelo contrário, é mais difícil de avaliar: tais reformas caberiam seguramente ao governador, mas não é possível ter a certeza de que não se trata de medidas tomadas muito mais tarde e posteriormente enquadradas no tempo de Neemias.

Autor, fontes e data

A autoria do livro de Neemias está dependente da autoria do livro de Esdras. Os dois livros formavam, pelo menos inicialmente, uma unidade e a maioria dos investigadores acredita que a redação final destes dois livros, com a confluência de Esdras e Neemias nos capítulos 8-10 de Neemias, obedece a um desejo de mostrar a totalidade do processo de restauração como constituindo uma unidade. É frequente atribuir-se ao chamado Cronista, isto é, ao autor dos dois livros das Crónicas, este trabalho de redação final sobre o texto, na segunda metade do século IV a.C.

Um relato na primeira pessoa constitui o núcleo do livro (1,1-7,72; 12,31-13,31) e uma parte importante dos autores vê nele as memórias de Neemias, o protagonista. Este documento, assim como as listas que pontuam o relato (3,1-32; 7,4-72; 10,11-12), teriam servido de base ao trabalho do mencionado redator final. Há, contudo, quem questione tanto a datação acima referida como a autenticidade das supostas memórias de Neemias. Certos especialistas preferem uma data situada algures no período helenístico (323-31 a.C.).

Perspetiva teológica

O livro de Neemias faz-nos escutar durante vários capítulos a voz do protagonista. São as suas memórias que nos oferecem um ponto de vista sobre o processo de reconstrução da muralha de Jerusalém. Mas não se trata de um simples relato do que aconteceu. Neemias lê os acontecimentos a partir do prisma da história da salvação. Na sua oração, em 1,4-11, pede a Deus para que seja ele mesmo a abrir o coração do rei persa, a fim de que a sua promessa de restaurar o seu povo se possa cumprir integralmente. Ao longo do relato, são várias as ocasiões em que nos recorda que a mão benevolente de Deus era a verdadeira protagonista do sucesso que o projeto ia conseguindo (2,7.18) e que só a ele cabe o mérito (6,16). É finalmente a Deus que cabe a memória e o juízo sobre as suas ações em favor do povo, como aquelas dos que se opuseram à vontade unânime do povo (5,19; 6,14; 13,14.22.29-31). As memórias de Neemias dão, por isso, expressão a uma visão da história dos homens na qual Deus não é um mero espetador, mas o principal promotor do progresso dos povos.

No centro do livro de Neemias surge a cidade de Jerusalém. Reconstruído o templo (Esd 1-6), é tempo de reconstruir a cidade, de a repovoar, de a tornar um símbolo vivo da misericórdia de Deus que perdoou ao seu povo e o fez regressar do exílio. Ainda que modesta no tamanho, a cidade santa aparece aos olhos de Neemias e

dos exilados que haviam regressado como o lugar que Deus escolheu para aí fazer resplandecer de novo o seu nome (1,9). A cerimónia pela qual as muralhas recém-edificadas de Jerusalém são dedicadas não tem paralelo na literatura bíblica e sugere precisamente esta consciência nova de que a cidade é agora um espaço sagrado, um lugar no qual o povo é chamado a viver uma vida que seja um culto permanente ao Deus da salvação. O Israel do pós-exílio recebe, por isso, de novo a missão de ser “um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Ex 19,6), tal como no princípio. O Deus fiel reergue não somente as muralhas da cidade, mas também os braços caídos do povo, restituindo-lhe a sua vocação original, que é a de cantar os louvores daquele que o criou e resgatou.

O relato do regresso do exílio nos livros de Esdras e Neemias culmina em Neemias 8-10 com a grandiosa cerimónia de renovação da aliança. A leitura da Palavra de Deus e a sua explicação ao povo torna-se ocasião de uma confissão pública do pecado e da solene renovação da aliança entre Deus e o seu povo. É no confronto com esta palavra que o povo reconhece a sua infidelidade ao longo dos séculos e experimenta o desejo de ser perdoado. Deus, na sua magnanimidade, renova com os exilados que regressaram do exílio essa aliança tantas vezes violada, oferecendo o seu perdão às faltas cometidas e abrindo um novo capítulo na relação com o seu povo. Com os livros de Esdras e Neemias, é mais do que o renascimento político de Judá que está em jogo. O exílio, percebido como castigo pelo pecado, tinha afetado profundamente a própria identidade do povo eleito. O regresso e a restauração de Israel na terra da promessa dão ao povo a ocasião de voltar a escutar a Palavra de Deus como uma palavra de salvação e de se reconhecer, como no passado, objeto particular da sua misericórdia.

PRIMEIRA MISSÃO: AS MURALHAS (1,1-7,72)^a

1 **Neemias recebe notícias de Jerusalém (Est 4,1-17)**

¹Palavras de Neemias^b, filho de Hacalias. No mês de Quisleu do vigésimo ano^c, encontrando-me eu na fortaleza de Susa^d, ²eis que chegou de Judá Hanani, um dos meus irmãos, com outros homens. Interroguei-os a respeito dos judeus que tinham sobrevivido ao cativeiro e a respeito de Jerusalém. ³Responderam-me que os sobreviventes do cativeiro, que estão lá, na província, vivem em grande miséria e humilhação. A muralha de Jerusalém está em ruínas e as suas portas foram devoradas pelo fogo^e.

Oração de Neemias (Esd 9,5-15; Ne 9,6-37; Dn 9,4-19; Est 4,17^f)^f

⁴Ao ouvir tais palavras, sentei-me e comecei a chorar. Permaneci vários dias de luto, jejuando e rezando diante do Deus dos céus. ⁵Disse:

«O SENHOR, Deus dos céus, Deus grande e terrível! Tu és Aquele que guarda a aliança e a fidelidade para com aqueles que o amam e guardam os seus mandamentos. ⁶Estejam os teus ouvidos atentos e os teus olhos abertos para escutares a oração que eu, teu servo, faço neste momento diante de ti, dia e noite, em favor dos filhos de Israel, teus servos, confessando os pecados que os filhos de Israel cometeram contra Ti. Pois eu e a casa do meu pai pecámos: ⁷ofendemos-te gravemente e não guardámos os mandamentos, as leis e os preceitos que ordenaste a Moisés, teu servo. ⁸Recor-

^a A primeira parte do livro de Neemias (1,1-7,72) contém o relato da reconstrução das muralhas de Jerusalém. No reinado do rei Artaxerxes I (465-425 a. C.), Neemias, um oficial judeu da corte do rei persa, é enviado a Judá com a missão de promover a dita reconstrução. Neemias é nomeado igualmente governador da província (5,14-15). Uma peculiaridade destes capítulos (assim como de 12,31-13,31) é o uso da primeira pessoa no relato das peripécias vividas por Neemias, o que denuncia o recurso a uma espécie de memórias, escritas pelo protagonista.

^b A expressão *Palavras de Neemias* (*Dibrê Nebemiyah*) funciona como sendo o título deste livro. Entretanto, mais do que *palavras*, o significado de *dibrê* poderia também ser *atos*. É certo que se recolhem palavras e discursos que são proferidos por Neemias. Mas um possível título como *Atos de Neemias* seria semelhante ao título hebraico dos dois livros das Crônicas que é *Palavras dos dias* (*Dibrê hayyamim*).

^c Embora incompleta, a data parece fazer referência ao vigésimo ano do reinado de Artaxerxes I (2,1), isto é, ao ano 445 a.C. O mês de *Quisleu* é o nono mês do calendário hebraico e corresponde a novembro-dezembro.

^d Em Susa ficava a residência de inverno dos monarcas persas (Est 1,2).

^e O relato do estado de ruína em que se encontra Jerusalém e da humilhação em que vivem os habitantes da província de Judá faz supor que as consequências da destruição da cidade, cerca de 140 anos antes, às mãos dos babilônios (2Rs 25,8-12), ainda se fazem sentir. A forma dramática como Neemias reage às notícias é tida por alguns autores como um indício de que outros eventos, bem mais recentes, poderão estar ainda a ser assim evocados; a situação de ruína e humilhação pode ser fruto da intervenção violenta dos *inimigos de Judá e Benjamim* referida em Esd 4,23.

^f À imagem de Esdras (Esd 9,5-15), Neemias profere uma oração que pode ser caracterizada como uma confissão comunitária do pecado (Ne 9,6-37; Dn 9,4-19; Sl 78; 106; Est 4,17^f). Neste caso, o pedido de perdão aparece transformado num pedido de ajuda muito concreto para que Deus permita a Neemias encontrar favor diante do rei.

da-te, pois, da palavra que ordenaste ao teu servo Moisés que pronunciasse: ‘Se transgredirdes, hei de dispersar-vos entre os povos. ⁹Porém, se voltardes para mim, guardando e cumprindo os meus mandamentos, ainda que os vossos desterrados estejam nos confins dos céus, dali os reunirei e os reconduzirei ao lugar que escolhi para ali fazer habitar o meu nome’⁸. ¹⁰Eles são os teus servos e o teu povo, que Tu resgataste com o teu grande poder e a tua mão forte. ¹¹Estejam, pois, Senhor, os teus ouvidos atentos à oração do teu servo e à oração dos teus servos, que se comprazem em temer o teu nome. Concede, hoje, êxito ao teu servo e permite que seja acolhido com benevolência diante deste homem». Eu era, então, copeiro do rei.^h

2 Missão de Neemias e partida para Jerusalém (Esd 7)

¹No mês de Nisan do vigésimo ano do rei Artaxerxesⁱ, estando o vinho diante dele, tomei-o e servi-o ao rei^l. Ora, eu jamais me tinha apresentado de semblante triste na sua presença. ²Por isso, o rei disse-me: «Por que razão estás de semblante tão triste? Uma vez que não estás doente, não pode ser outra coisa senão tristeza de coração». ³Fui dominado por um grande temor, mas disse ao rei: «Que o rei viva por muito tempo! Como não haveria de estar triste o meu semblante, quando a cidade onde se encontram os túmulos dos meus pais está em ruínas e as suas portas foram devoradas pelo fogo?» ⁴Disse-me o rei: «E o que querias tu, então?» Encomendei-me então ao Deus dos céus⁵ e disse ao rei: «Se aprouver ao rei e se o teu servo goza de favor diante de ti, envia-me a Judá, à cidade onde se encontram os túmulos dos meus pais, a fim de eu a reconstruir». ⁶O rei, junto de quem estava sentada a rainha^t, disse-me então: «Até quando durará a tua viagem e quando voltarás?» Tendo-lhe eu dado um prazo, o rei achou bem e enviou-me.

⁷E eu disse ainda ao rei: «Se parecer bem ao rei, sejam-me dadas cartas para os governadores da região de Além-do-Rio^l, para que me deem passagem até chegar a Judá. ⁸E ainda uma outra carta para Assaf, o guarda da floresta do rei, a fim de me ser

⁸ Neemias não cita um versículo preciso da Bíblia, mas compõe uma citação com recurso a linguagem proveniente de distintas passagens, entre as quais Dt 4,27; 28,64 (v. 8b); 30,1-4; 12,5 (v. 9).

^h O ofício de copeiro real, além da seleção e serviço de vinho ao rei, provando-o primeiro para evitar tentativas de envenenamento, implicava o dever de ser um conviva agradável do monarca. Fazendo parte do círculo de pessoas próximas do rei, os copeiros gozavam de grande influência e era habitual serem-lhes confiadas outras tarefas e missões (Tb 1,22).

ⁱ O mês de Nisan é o primeiro do calendário hebraico, correspondendo a março-abril no calendário gregoriano. Se a data em Ne 1,1 é ainda a do vigésimo ano do reinado do rei Artaxerxes I, este relato refere-se a acontecimentos ocorridos oito meses antes. Mas isto contradiz a lógica do relato e os comentadores esforçam-se por resolver a discrepância. Uma solução é supor que, na corte, o ano de reinado fosse contado a partir do momento da subida ao trono do monarca, independentemente da altura do ano em que se estivesse.

^j O contexto aqui pressuposto parece ser o de um banquete na corte persa (Est 7,2).

^k Para designar a rainha, o termo hebraico *chegal* significa, na sua raiz, a favorita de entre as mulheres do harém, mas acabou por se aplicar também à rainha.

^l A expressão *Além-do-Rio* refere-se à região que se encontra a ocidente do rio Eufrates, já que esta designação foi cunhada a partir da perspetiva dos habitantes da Mesopotâmia e da Pérsia.

providenciada madeira de construção para as portas da fortaleza que está junto do templo, para a muralha da cidade e ainda para a casa onde irei habitar». E também isto o rei me concedeu, pois a mão bondosa do meu Deus estava sobre mim.

⁹Fui ao encontro dos governadores da região de Além-do-Rio e entreguei-lhes as cartas do rei. O rei tinha enviado comigo também alguns oficiais do exército e cavaleiros.

¹⁰Porém, quando Sanebalat, o horonita, e Tobias, o oficial amonita^a, souberam disto, ficaram extremamente irritados por vir alguém preocupar-se com o bem dos filhos de Israel.

Chegada a Jerusalém e inspeção das muralhas (Esd 8,31-36)

¹¹Cheguei a Jerusalém e permaneci ali três dias^b. ¹²Então, levantei-me de noite, eu e mais uns poucos homens comigo, sem antes ter dito a ninguém o que o meu Deus me pôs no coração para fazer em favor de Jerusalém. Não tinha comigo nenhum outro animal senão aquele em que montava. ¹³Saí, pois, de noite através da porta do Vale em direção à fonte do Dragão e à porta do Lixo. Ia examinando as muralhas de Jerusalém, como estavam destruídas e as suas portas devoradas pelo fogo. ¹⁴Segui, depois, até à porta da Fonte e ao reservatório do rei, mas não havia espaço para que o animal que eu montava pudesse passar. ¹⁵Continuei, por isso, a subir ainda de noite pela torrente e ia inspecionando a muralha. Dei a volta e voltei a entrar pela porta do Vale; e assim regressei^c.

Primeiras reações ao projeto de Neemias (Esd 3-4)

¹⁶Os magistrados ignoravam onde tinha ido e o que fizera, pois até então não tinha ainda comunicado nada nem aos judeus, nem aos sacerdotes, nem aos notáveis, nem aos magistrados, nem aos restantes responsáveis pelos trabalhos. ¹⁷Disse-lhes então: «Vós bem vedes a desgraça em que nos encontramos: Jerusalém está em ruínas e as suas portas foram consumidas pelo fogo. Vinde, pois, e reconstruamos a muralha de Jerusalém, para não sermos mais objeto de escárnio». ¹⁸Contei-lhes, então, como é que a mão bondosa do meu Deus havia estado sobre mim e também as palavras que o rei me dissera. A isto exclamaram: «Ergamo-nos e vamos reconstruí-la!» E assim as suas mãos ganharam força para aquela boa tarefa.

^a *Sanebalat* parece ter sido governador da Samaria, sendo originário ou de Bet-Horon, uma cidade a nordeste de Jerusalém (Js 16,3.5; 1Cr 7,24) ou de Horonaim na região de Moab (Is 15,5; Jr 48,3.5.34). *Tobias*, apelidado literalmente *o servo amonita*, parece ter exercido um cargo oficial na região de Amon, atual Jordânia. O tema da oposição dos adversários de Neemias ao projeto de reconstrução das muralhas de Jerusalém é um dos fios-condutores do relato de Ne 1,1-7,72. No decorrer da narrativa, esta oposição vai sempre crescendo e serve para enfatizar a forma dramática como Neemias e os habitantes de Judá lograram concluir, com a ajuda de Deus, a obra iniciada.

^b Ver Esd 8,32.

^c É difícil reconstruir o itinerário noturno de Neemias. As referências toponímicas parecem sugerir que a inspeção das muralhas se limitou às zonas sudeste e sul da cidade, na confluência dos vales do Cédron e de Hinom.

¹⁹Sanebalat, o horonita, Tobias, o oficial amonita, e Guéchem, o árabe^d, foram informados disto e escarneceram de nós, dizendo em tom de desprezo: «Que estais a fazer? Será que pretendeis revoltar-vos contra o rei?»^e ²⁰Respondi-lhes então nestes termos: «É o próprio Deus dos céus quem nos dará êxito. Nós que somos seus servos vamos erguer-nos e vamos reconstruir. Vós, pelo contrário, não tendes nem parte, nem direito, nem memória em Jerusalém»^f.

3 Lista dos que trabalharam na reconstrução^g

¹Ergueu-se o sumo sacerdote Eliachib e os sacerdotes, seus irmãos, e reconstruíram a porta das Ovelhas; eles mesmos a consagraram e assentaram as portas. E consagraram a secção até à torre dos Cem, consagraram-na até à torre de Hananiel^h.

²Ao lado dele trabalharam na construção os homens de Jericó e a seu lado trabalhava Zacur, filho de Imeri. ³Os descendentes de Senaá construíram a porta dos Peixes, colocaram as vigas e assentaram as portas, com as respetivas fechaduras e trancas.

⁴Ao lado destes, trabalhou no reforço da muralha Meremot, filho de Urias, filho de Hacós; e ao seu lado trabalhou Mechulam, filho de Baraquias, filho de Mechezabel e ao lado deles trabalhou Sadoc, filho de Baana. ⁵Ao lado destes, trabalharam os de Técua, mas os seus nobres não se submeteram a servir os seus senhores.

⁶Joiadá, filho de Passea, e Mechulam, filho de Besodias, reforçaram a porta Antiga: colocaram as vigas e assentaram as portas, com as respetivas fechaduras e trancas.

⁷Ao lado destes, reforçaram a muralha Melatias, o guibeonita, Jadon, o meronotita, e os homens de Guibeon e de Mispá, a expensas do governador da região de Além-do-Rio. ⁸Ao seu lado trabalhou no reforço Uziel, filho de Haraías, um dos ourives; e ao seu lado trabalhou Hananias, um dos perfumistas. E acabaram de

^d À lista dos adversários de Neemias e do projeto de reconstrução junta-se agora *Guéchem*, o árabe (cf. 6,1-2.10). As fontes extrabíblicas parecem sugerir que se trata do rei dos Quedaritas, um dos principais grupos tribais árabes, cujos domínios se estendiam entre o norte da Península Arábica e as fronteiras de Judá.

^e Cf. Esd 4,11-16.

^f Numa linguagem que faz lembrar a resposta de Zorobabel aos inimigos de Judá e Benjamim (Esd 4,1-3), Neemias opõe o direito do povo a reconstruir a muralha da cidade à falta de direito dos adversários. Os termos utilizados têm ressonância jurídica e implicam exclusões de ordem política. Sobre o *ter parte*, cf. 2Sm 20,1; 1Rs 12,16; sobre o *direito* jurisdicional e sobre a *memória* cultural, cf. Js 4,7; Zc 6,14.

^g A lista incluída neste capítulo tem todas as características de um documento de arquivo. Provavelmente não faria parte das memórias escritas por Neemias, tendo sido intercalado neste ponto com o intuito de preservar a memória daqueles que efetivamente trabalharam na reparação das muralhas da cidade. A lista está organizada de acordo com o princípio geográfico: a primeira secção (vv. 1-5) refere-se às reparações feitas na parte norte da muralha, a segunda (vv. 6-13) ao trabalho na parte ocidental da muralha, a terceira (vv. 14-15) à reconstrução do setor sul, e a quarta (vv. 16-32) à reparação da secção oriental.

^h Esta dupla referência a uma consagração das muralhas parece antecipar a cerimónia de dedicação relatada em 12,27-44. O uso de terminologia normalmente reservada aos templos (consagração, dedicação) neste contexto parece sugerir uma espécie de assimilação religiosa e cultural entre o templo e a cidade (cf. Sl 50,20-21). Uma tal conceção pode também ter motivado a inclusão do relato da oposição à reconstrução da segunda no interior da descrição do processo de reconstrução do templo em Esd 4,6-24.

restaurar Jerusalém até à muralha larga. ⁹Ao lado destes trabalhou Refaías, filho de Hur, chefe de metade do distrito de Jerusalém. ¹⁰A seguir a estes, trabalhou Jedaías, filho de Harumaf, em frente da sua casa. Logo a seguir, trabalhou Hatus, filho de Hasabénias. ¹¹Malquias, filho de Harim, e Hachub, filho de Paat-Moab, trabalharam numa outra secção da muralha e a torre dos Fornos. ¹²A seu lado trabalhou, com as suas filhas, Chalum, filho de Loés, chefe da outra metade do distrito de Jerusalém. ¹³Hanun reforçou a porta do Vale com os habitantes de Zanoa; reconstruíram-na e assentaram as suas portas, com as respetivas fechaduras e trancas. E reconstruíram ainda mil côvados^a de muralha até à porta do Lixo.

¹⁴Malquias, filho de Recab, chefe do distrito de Bet-Cárem, reforçou a porta do Lixo; reconstruiu-a e assentou as suas portas, com as respetivas fechaduras e trancas. ¹⁵Chalum, filho de Col-Hozé, chefe do distrito de Mispá, reforçou a porta da Fonte: reconstruiu-a, cobriu-a e assentou as suas portas, com as respetivas fechaduras e trancas. Reforçou, além disso, a muralha do reservatório de Siloé, junto ao jardim do rei, até às escadarias que descem da cidade de David.

¹⁶Depois dele, Neemias, filho de Azebuc^b, chefe de metade do distrito de Bet-Sur, reforçou a muralha até diante dos túmulos de David, e, mais além, até ao reservatório construído junto à caserna militar^c. ¹⁷Depois dele, trabalharam no reforço os levitas: Reum, filho de Bani; a seu lado trabalhou Hasabias, chefe de metade do distrito de Queila, em nome do seu distrito. ¹⁸A seguir a este, trabalharam os seus parentes: Bavaí, filho de Henadad, chefe da outra metade do distrito de Queila¹⁹e, ao seu lado, Ézer, filho de Jechua, chefe de Mispá, que reforçou uma outra secção da muralha, diante da subida do depósito de armas e até ao ângulo. ²⁰A seguir a ele, Baruc, filho de Zabai, reforçou a secção seguinte, desde o ângulo até à entrada da casa do sumo-sacerdote Eliachib. ²¹A seguir a este, Meremot, filho de Urias, filho de Hacós, reforçou a secção seguinte, desde a entrada da casa de Eliachib até à extremidade desta casa. ²²A seguir a ele, trabalharam no reforço os sacerdotes, habitantes das redondezas. ²³A seguir a estes, trabalharam, junto das suas casas, Benjamim e Hachub e, depois destes últimos, Azarias, filho de Massafas, filho de Ananias, também junto da sua casa. ²⁴Depois, Binui, filho de Henadad, reforçou outra secção, desde a casa de Azarias até ao ângulo e até à esquina. ²⁵Palal, filho de Uzai, trabalhou diante do ângulo e da torre que sobressai do palácio alto do rei e que dá sobre o átrio da prisão. A seguir a ele, trabalhou Pedaías, filho de Parós. ²⁶Os servos do templo, que habitavam no Ofel, repararam a muralha até diante da porta das Águas, a oriente, e da torre que sobressai. ²⁷A seguir a eles, os de Técuá reforçaram a secção seguinte, de diante da grande torre que sobressai e até à muralha do Ofel. ²⁸A partir da porta dos Cavalos, os reforços foram feitos pelos sacerdotes, cada um diante da sua casa. ²⁹A seguir a eles, Sadoc, filho de Imer, reforçou diante da sua casa; depois, reforçou Chemaías,

^a Esta medida corresponde a aproximadamente quinhentos metros.

^b Trata-se de outro personagem com o mesmo nome que o protagonista do livro.

^c Lit.: ... à casa dos valentes.

filho de Checanias, guarda da porta oriental.³⁰ A seguir a ele, Hananias, filho de Chelemias, e Hanun, o sexto filho de Salaf, reforçaram uma outra secção. Logo a seguir, Mechulam, filho de Baraquias reforçou diante da sua residência.³¹ A seguir a ele, Malquias, um dos ourives, reforçou a muralha até junto da casa dos servos do templo e dos negociantes, diante da porta do Vigilante e até à sala alta da esquina.³² Enfim, entre a sala alta da esquina e a porta das Ovelhas, trabalharam no reforço os ourives e os negociantes.

Oposição ao projeto de reconstrução (Esd 4; Ne 2,19-20; 4,1-5; 6,1-9)

³³ Quando Sanebalat soube que nós estávamos a reconstruir a muralha, encheu-se de cólera e indignação e escarneceu dos judeus.³⁴ Disse diante dos seus irmãos e do exército da Samaria: «Que estão a fazer estes judeus miseráveis? Vão deixá-los continuar a reconstruir? Oferecerão sacrifícios? Terminarão hoje mesmo os trabalhos? Pensam dar nova vida às pedras enterradas debaixo dos escombros e mesmo calcinadas?»³⁵ E Tobias, o amonita, que estava a seu lado, acrescentou: «Mesmo que eles a reconstruam, bastará que uma raposa salte sobre ela, para que a sua muralha de pedras se desmorone^d!»

³⁶ «Escuta, ó nosso Deus, como somos objeto de zombaria. Faz com que caiam sobre as suas cabeças os seus próprios insultos e eles se tornem objeto de escárnio numa terra de cativoiro.³⁷ Não perdoes a sua iniquidade nem removas o seu pecado de diante de ti, porque eles injuriaram os construtores^e».

³⁸ Reconstruímos assim a muralha e reforçámo-la toda até meia altura, porque o povo estava de coração neste trabalho.

4 Novas ameaças e desânimo do povo (Esd 4; Ne 2,19-20; 3,33-35; 6,1-9)

¹ Porém, quando Sanebalat, Tobias, os árabes, os amonitas e os habitantes de Asdod^f foram informados de que a reparação das muralhas de Jerusalém prosseguia a bom ritmo e que as brechas começavam a estar tapadas, encheram-se de cólera² e

^d Se num primeiro momento, os adversários do projeto se limitaram a comentar as possíveis implicações políticas do desejo de reforçar a cidade (2,19), passam agora ao escárnio e ao insulto. A oposição vai passar das palavras aos atos, com a ameaça de uma intervenção violenta (4,1-5). O último recurso será uma conspiração contra o protagonista (6,1-9). O relato do progresso dos trabalhos é, assim, acompanhado a cada passo por estas breves notícias sobre a crescente oposição. A conclusão da muralha é simultaneamente uma reivindicação de Neemias e daqueles que aceitaram o desafio e também de Deus que inspirou e sustentou o esforço de reconstrução.

^e Neemias interrompe a narração das peripécias para elevar a voz numa breve oração. Estas preces espontâneas pontuam o relato na primeira pessoa (3,36-37; 5,19; 6,14; 13,14.22.29.31). Estas orações podem ser comparadas aos salmos de lamentação individual (Sl 44; 74; 79), nos quais o orante recorda as ações perversas daqueles que o oprimem e suplica a Deus que os castigue em conformidade (Sl 35; 58,7-10; 69,23-29; 109,6-19).

^f Somam-se agora aos adversários os habitantes de Asdod, uma província, que tomou o nome da cidade filisteia homónima, localizada a oeste de Judá. Fecha-se, assim, o círculo. Neemias e os que constroem estão rodeados de inimigos: Sanebalat e os samaritanos a norte, Tobias e os amonitas a este, Guéchem e os árabes a sul e os asdoditas a oeste.

conspiraram juntos com o intuito de atacar Jerusalém e de ali instalar a confusão. ³Nós rezámos ao nosso Deus e pusemo-nos de guarda à cidade, dia e noite, por causa deles. ⁴Então os de Judá diziam:

«Já faltam as forças aos carregadores
e os escombros são em grande quantidade.
Assim nunca mais conseguiremos
reconstruir a muralha!»

⁵Por seu lado, os nossos adversários diziam: «Sem que se apercebam nem deem conta disso, cairemos sobre eles para os matar e assim interromperemos os trabalhos».

Neemias organiza a defesa e os trabalhos prosseguem

⁶Entretanto, quando os judeus que habitavam entre eles vieram por dez vezes informar-nos de que eles viriam atacar-nos por todos os lados, ⁷decidi colocar, por trás da muralha, nas zonas mais baixas e ainda a descoberto, o povo dividido por famílias, armado com as suas espadas, as suas lanças e os seus arcos. ⁸Tendo inspecionado tudo, ergui-me e disse aos notáveis, aos magistrados e ao resto do povo: «Não tenhais medo deles! Recordai como o Senhor é grande e terrível e lutai pelos vossos irmãos, filhas, filhas, mulheres e ainda pelas vossas casas!»

⁹Quando os nossos inimigos perceberam que tínhamos sido advertidos, Deus frustrou o seu plano e nós regressámos todos à muralha, cada um ao seu trabalho. ¹⁰A partir daquele dia, metade dos meus servos trabalhava naquela tarefa, enquanto a outra metade permanecia armada com lanças, escudos, arcos e couraças. Os chefes colocaram-se à retaguarda de toda a casa de Judá ¹¹implicada na reconstrução da muralha. Os que carregavam pedras trabalhavam com uma das mãos e, com a outra, empunhavam a lança. ¹²Os que estavam a reconstruir tinham as espadas cingidas à cintura e assim trabalhavam. Aquele que tocava a trombeta^b estava sempre ao meu lado^c. ¹³Disse, então, aos notáveis, aos magistrados e ao resto do povo: «A tarefa é grande e extensa e nós estamos muito distantes uns dos outros, espalhados ao longo da muralha. ¹⁴Onde ouvirdes o som da trombeta reuni-vos a nós nesse lugar: o nosso Deus lutará por nós!» ¹⁵Assim trabalhávamos nós naquela tarefa, metade empunhando lanças, desde o raiar da aurora até aparecerem as estrelas. ¹⁶Nessa ocasião disse também ao povo: «Que cada um de vós, com o seu servo, passe a noite dentro de Jerusalém, a fim de fazer vigia por nós durante a noite e trabalhar de dia». ¹⁷E nem eu, nem os meus irmãos, nem os homens de guarda que me escoltavam, nenhum de nós tirava a roupa que tinha vestida e cada um segurava a sua lança na mão direita.

^a A lamentação do povo aparece aqui sob a forma de um estribilho. É possível que os trabalhadores tenham usado esta espécie de slogan num momento de desânimo, quando decidiram abandonar o trabalho vencidos pela dureza do mesmo e pela pressão exterior.

^b Lit.: ... o *chofar*.

^c Sobre a importância do papel do tocador de chofar em contexto de guerra, ver Jz 3,27; 6,34; 7,18; 1Sm 13,3.

5 Crise social e económica (Dt 15; Lv 25)^d

¹Levantou-se, então, entre os homens do povo e as suas mulheres, um grande clamor contra os seus irmãos judeus. ²Alguns diziam: «Os nossos filhos, as nossas filhas e nós mesmos somos numerosos: temos de conseguir trigo para comer e assim podermos sobreviver». ³Outros diziam: «Temos de empenhar as nossas terras, as nossas vinhas e as nossas casas para conseguirmos trigo neste tempo de penúria». ⁴Outros ainda diziam: «Tivemos de pedir emprestado dinheiro para pagar o tributo ao rei, tendo para isso hipotecado as nossas terras e as nossas vinhas. ⁵Mais ainda, somos da mesma carne e osso que os nossos irmãos e os seus filhos são como os nossos. Temos, porém, que sujeitar os nossos filhos e as nossas filhas a serem escravos. Aliás, algumas das nossas filhas já se sujeitaram e não podemos fazer nada, pois as nossas terras e as nossas vinhas já estão nas mãos de outros».

⁶Quando escutei este clamor e estes lamentos, enchi-me de cólera. ⁷Por imperativo do meu coração decidi repreender os notáveis e os magistrados. Disse-lhes então: «Estais a cobrar assim juros aos vossos irmãos?»^f Convoquei então, por causa deles, uma grande assembleia ⁸e disse-lhes: «Nós resgatámos, conforme pudemos, os nossos irmãos judeus que tinham sido vendidos aos outros povos. E vós, agora, vendeis os vossos irmãos, deixando para nós o dever de os resgatar?»^g E eles calaram-se, sem saberem o que responder. ⁹E então eu continuei: «O que fazeis não é correto. Não deveríeis antes caminhar no temor do nosso Deus, evitando assim os insultos dos pagãos, nossos inimigos? ¹⁰Eu próprio, com os meus irmãos e os meus servos, também lhes emprestámos dinheiro e trigo. Perdoemos-lhes, pois, essa dívida! ¹¹Devolvei-lhes, hoje mesmo, as suas terras, as suas vinhas, as suas oliveiras e as suas casas; e restituí-lhes ainda a percentagem que lhes cobrastes como juro sobre o dinheiro, o trigo, o vinho novo e o azeite».^h ¹²Eles responderam: «Restituiremos e nada mais exi-

^d A crise relatada neste capítulo parece ser fruto da pressão económica sobre as camadas mais pobres da população, resultante da necessidade de conjugar o trabalho na muralha e as despesas implicadas com a luta diária pela sobrevivência, própria de quem vive dependente da terra numa economia de subsistência.

^e As queixas do povo apresentam as várias formas como os membros mais pobres da sociedade se viam obrigados a agir em caso de crise. A fim de obter trigo para sobreviver ou de pagar os impostos devidos ao rei persa, viam-se forçados a hipotecar a terra e os bens que haviam recebido por herança e mesmo a entregar os filhos e as filhas como escravos. O carácter endémico destas crises tornou a escravidão por dívida um fenómeno frequente e até socialmente aceite (2Rs 4,1-2). A lei limitou-se a tentar minimizar os efeitos desta prática, prescrevendo que os escravos por dívida devem ser tratados com respeito e libertados ao fim de sete anos (Ex 21,2-11; Dt 15,12-18) ou por ocasião do ano jubilar (Lv 25,39).

^f A acusação dirigida por Neemias contra os notáveis e oficiais faz eco à proibição expressa em Ex 22,24 de atuar como um credor usurário com os mais indigentes do povo.

^g Neemias parece sugerir que aqueles que tomaram como escravos outros judeus também se sentiram autorizados a vendê-los a compradores estrangeiros. A acusação é credível. Os povos vizinhos, fenícios, gregos e árabes, estavam ativamente envolvidos no negócio muito lucrativo da venda de escravos (Ez 27,13; Jl 4,3,4-8; Am 1,9) e é bem provável que tenham encontrado entre a aristocracia judaica parceiros comerciais interessados.

^h A estratégia de Neemias parece ser a de aproveitar a crise económica para convocar uma espécie de ano sabático (Dt 15) ou jubilar (Lv 25) de emergência. Algo semelhante ao que sucedeu durante o cerco

giremos deles. Faremos como dizes». Convoquei, então, os sacerdotes e intimei-os a jurar que procederiam em conformidade com isto. ¹³Finalmente, sacudi a dobra do meu manto e declarei: «Que Deus sacuda para fora da sua casa e da sua propriedade todo aquele que não mantiver este juramento! Que seja sacudido e despojado!»^a A assembleia respondeu em uníssonos: «Ámen!»; e louvaram o SENHOR. E o povo cumpriu aquilo que foi dito.

Primeiro período de Neemias como governador (Ne 13)

¹⁴Quanto a mim, desde o dia em que ele^b me estabeleceu como governador da região de Judá, no vigésimo ano do rei Artaxerxes, e até ao trigésimo segundo ano do mesmo reinado^c, durante doze anos, nunca comi, nem os meus irmãos, da provisão destinada ao governador. ¹⁵Ao invés, os governadores que me precederam sobrecarregaram o povo, tirando-lhes o pão de cada dia, à razão de quarenta siclos de prata^d. E os seus servos dominavam o povo. Eu, porém, não fiz assim, por causa do temor de Deus. ¹⁶Antes participei ativamente na reconstrução desta muralha; e não comprámos terras, mas todos os meus servos se juntaram a esta tarefa. ¹⁷Na minha mesa tinham lugar cento e cinquenta homens, entre judeus e magistrados, e ainda todos aqueles que nos chegavam das regiões vizinhas. ¹⁸Havia que preparar diariamente um boi, seis ovelhas escolhidas e ainda algumas aves; e, a cada dez dias, vinho em abundância. Tudo isto às minhas custas. E, apesar disso, nunca exigei a provisão que me correspondia enquanto governador, porque o trabalho já pesava bastante sobre este povo. ¹⁹Recorda-te, ó meu Deus, em meu favor de tudo aquilo que eu fiz por este povo!^e

6 A campanha de intimidação (Esd 4; Ne 2,19-20; 3,33-35; 4,1-5)

¹Quando Sanebalat, Tobias e Guéchem, o árabe, e o resto dos nossos inimigos foram informados de que eu tinha reconstruído a muralha e já não havia brechas, embora, naquela altura, ainda faltasse colocar as portas no sítio, ²Sanebalat e Guéchem mandaram dizer-me: «Vem e conversemos em Cafirim, no vale de Ono^f».

de Jerusalém, quando o rei Sedecias ordenou a libertação dos escravos (Jr 34,8-22).

^a O gesto de *sacudir* a dobra do manto, que servia como uma espécie de bolso, precede as palavras de excomunhão dirigidas contra todos aqueles que se recusem a cumprir escrupulosamente com o acordado (Esd 10,8). No mundo da antiguidade, as palavras de ameaça ou maldição dirigidas contra os transgressores de um pacto eram, algumas vezes, acompanhadas de gestos simbólicos correspondentes, como queimar um objeto (1Rs 14,10).

^b O pronome *ele* refere-se naturalmente ao imperador da Pérsia.

^c O primeiro período de Neemias como governador (13,6) dura entre 445 a.C. e 433 a.C. Enviado pelo rei persa com a missão de reconstruir a muralha da cidade de Jerusalém (2,1-8), Neemias parece ter sido nomeado governador de Judá, pouco depois da sua chegada à cidade.

^d *Quarenta siclos de prata* correspondem a cerca de meio quilo.

^e Cf. nota em 3,36-37. Esta segunda oração espontânea, à imagem do que acontecerá em 13,14.22.31, insiste sobre os méritos do protagonista, pedindo a Deus que o recompense pelo bem realizado.

^f A exata localização de *Cafirim* e do *Vale de Ono* é desconhecida. Alguns autores creem que o vale do Ono era uma região entre as províncias da Samaria e de Asdod, administrada diretamente pelas

Porém, o que eles pretendiam era fazer-me mal^g. ³Enviei-lhes mensageiros com a seguinte mensagem: «Estou ocupado numa obra de grande envergadura; não posso ir ao vosso encontro. Teria de se interromper o trabalho, caso partisse para ir ao vosso encontro». ⁴Enviaram-me por quatro vezes o mesmo convite, mas dei-lhes sempre a mesma resposta. ⁵À quinta vez, Sanebalat enviou-me o convite por um dos servos, que trazia na mão uma carta aberta, ⁶com a seguinte mensagem: «Diz-se entre os povos, e Guéchem também o afirma, que tu e os judeus pensam revoltar-se. Essa é a razão pela qual reconstróis a muralha. Diz-se também que tu estás para ser seu rei ⁷e que até já estabeleceste profetas para proclamarem em Jerusalém que há um rei em Judá. O rei será seguramente informado destes rumores. Vem, por isso, para que possamos discutir sobre isto juntos». ⁸Então mandei-lhe dizer: «Nada daquilo que dizes aconteceu. Isso não passa de invenções da tua imaginação!» ⁹De facto, todos tentavam intimidar-nos, dizendo entre si: «Eles hão de deixar cair as mãos, abandonando a tarefa e esta ficará por fazer». Mas as minhas mãos ficaram ainda mais fortes.

¹⁰Dirigi-me, então, a casa de Chemaías, filho de Delaías, filho de Metabiel, que se encontrava fechada. ⁱEle disse-me: «Reunamo-nos na casa de Deus, no interior do templo, e fechemos as portas do templo, porque virão para te matar; virão para te matar esta noite mesmo!» ¹¹Eu, porém, respondi: «Pode um homem como eu simplesmente fugir? Mais, poderia um homem como eu entrar no templo e ficar vivo? Não entrarei!» ¹²Na verdade, reconheci que não tinha sido Deus que o enviara, mas que ele pronunciou aquela profecia a meu respeito, porque Tobias e Sanebalat lhe pagaram. ¹³E porque lhe pagaram? Foi para me atemorizar e me induzir ao pecado, se eu procedesse daquela maneira. Teriam então motivo para me desacreditar. ¹⁴Recorda-te, ó meu Deus, das ações de Tobias e de Sanebalat.

autoridades persas. A opinião mais consensual situa o Vale de Ono na região a noroeste de Jerusalém, nos limites da província de Judá (Esd 2,33; Ne 11,35).

^g Cf. nota em 3,33-35.

^h Cf. Esd 4,11-16; Ne 2,19. O rumor acerca do estabelecimento de profetas parece fazer eco ao envolvimento destas figuras carismáticas no ritual de eleição dos reis no período pré-exílico. Exemplos disso são: Samuel no caso de Saul e David (1Sm 9-10; 16); Eliseu no caso de Jeú (2Rs 9; etc.). A esperança de restauração da dinastia davídica no período depois do exílio parece ter-se concentrado, pelo menos num primeiro momento, em redor de Zorobabel, com os profetas Ageu e Zacarias a darem voz a este movimento (Ag 2,23; Zc 4). É possível que Neemias tenha suscitado uma esperança similar entre grupos de judeus, embora nada leve a supor que ele tivesse ascendência davídica.

ⁱ Ou: *o qual estava impedido*. A identidade de *Chemaías* é desconhecida. Neste caso, parece atuar como profeta, aparentemente a mando e pago de Tobias e Sanebalat. É possível que estivesse de algum modo ligado ao culto. A razão pela qual se encontrava impedido de sair de casa também não é declarada. Estaria num estado de impureza ritual?

^j O conselho de Chemaías é que Neemias recorra ao direito de asilo previsto na lei (Ex 21,13-14), refugiando-se no templo. Note-se, contudo, que um leigo não estaria autorizado a entrar no santuário propriamente dito, devendo exercer o seu direito junto do altar exterior (1Rs 1,50). Ao insistir em que Neemias se escondia no santuário, Chemaías pode efetivamente estar a estender-lhe uma armadilha: ao violar a proibição, o nosso protagonista tornar-se-ia réu de morte (Nm 18,7). Esta é, pelo menos,

Recorda-te, também, da profetisa Noadias e dos outros profetas que tentaram atemorizar-me!^a

Conclusão dos trabalhos de reparação da muralha

¹⁵A muralha foi terminada no vigésimo quinto dia do mês de Elul, em cinquenta e dois dias.^b ¹⁶Quando todos os nossos inimigos foram informados disto, todos os povos vizinhos ficaram cheios de temor e se sentiram profundamente maravilhados, pois reconheceram que foi por vontade de Deus que esta obra se realizou. ¹⁷Nessa altura, tinha-se intensificado a troca de cartas que iam e vinham entre certos notáveis de Judá e Tobias. ¹⁸De facto, ele tinha em Judá muitos que lhe juravam fidelidade, por ser genro de Checanias, filho de Ara, e pelo facto de o seu filho Joanan ter casado com a filha de Mechulam, filho de Baraquias.^c ¹⁹Estes falavam bem dele na minha presença e comunicavam-lhe o que eu dizia. Tobias continuava a escrever cartas para me atemorizar.

7 Neemias organiza a defesa da cidade

¹Logo que foi reconstruída a muralha e colocadas as portas, foram estabelecidos nas suas funções os porteiros, os cantores e os levitas.^d ²Confiei o governo de Jerusalém ao meu irmão Hanani e a Hananias, o comandante da cidadela, homem fiel e temente a Deus como poucos. ³Ordenei-lhes que não se abrissem as portas de Jerusalém enquanto o sol não fizesse sentir o seu calor e que, enquanto as sentinelas ainda estivessem no seu posto, se fechassem as portas e pusessem as trancas. Ordenei-lhes ainda que se estabelecessem piquetes com os habitantes de Jerusalém, dispondo-os, por turnos, cada um diante da sua casa.

Lista dos repatriados (Esd 2,1-67)

⁴A cidade era grande e extensa para ambos os lados, mas a população era escassa e as casas ainda estavam por reconstruir.^e ⁵O meu Deus colocou no meu coração que eu

a forma como Neemias entendeu o sucedido. Em todo o caso, esta mesma lei de asilo nem sempre era garantia de sobrevivência (1Rs 2,28-34).

^a Cf. nota em 3,36-37. Esta é uma das poucas referências a profetisas na Bíblia (Ex 15,20: Maria; Jz 4,4: Débora; 2Rs 22,14-22: Hulda).

^b O *mês de Elul* é o sexto mês do calendário hebraico e corresponde a agosto-setembro no calendário gregoriano. A reparação da muralha teve lugar, por isso, entre meados de julho e setembro de 445 a.C.

^c *Tobias*, apesar de ter a sua base em Amon, parece ter ligações com as principais famílias de Judá. De facto, em 13,4, é dito que estava associado por parentesco ao sumo-sacerdote Eliachib.

^d A referência aos cantores e aos levitas neste contexto parece continuar o processo de assimilação entre o templo e a cidade de Jerusalém já referido (3,1 nota): o recinto sagrado, cuja proteção estava confiada àqueles grupos de ministros, estende-se agora até aos limites da Jerusalém muralhada (13,22).

^e Uma vez a muralha reparada, Neemias enfrenta-se agora com o problema do repovoamento da cidade. A presente situação precisava de ser remediada, não só por razões políticas, mas também teológicas. Uma cidade despovoada, como que abandonada aos animais que por ela quisessem passar, é um sinal de maldição (Is 34). O ideal é uma cidade, mais ainda a cidade de Jerusalém, bem traçada e compacta (Sl 122), a transbordar de habitantes (Is 49,19-20; 54,2-3; cf. Ez 36,10.33).

reunisse os notáveis, os magistrados e o povo, a fim de proceder a um recenseamento. Encontrei um livro com o registo genealógico daqueles que haviam regressado primeiro e vi que ali estava escrito o seguinte:^f

⁶Estes são os habitantes da província que haviam sido deportados para o exílio na Babilónia por Nabucodonosor, rei da Babilónia, e que regressaram do exílio a Jerusalém e a Judá, cada um à sua respetiva cidade. ⁷Chegaram com Zorobabel, Jechua, Neemias, Azarias, Raamias, Naamani, Mardoqueu, Bilchan, Misperet, Bigvai, Naum, Baana.

Número dos homens do povo de Israel: ⁸descendentes de Parós: 2172; ⁴descendentes de Chefatias: 372; ¹⁰descendentes de Ara: 652; ¹¹descendentes de Paat-Moab, da família de Jechua e Joab: 2818; ¹²descendentes de Elam: 1254; ¹³descendentes de Zatú: 845; ¹⁴descendentes de Zacai: 760; ¹⁵descendentes de Binui: 648; ¹⁶descendentes de Bebai: 628; ¹⁷descendentes de Azegad: 2322; ¹⁸descendentes de Adoniam: 667; ¹⁹descendentes de Bigvai: 2067; ²⁰descendentes de Adin: 655; ²¹descendentes de Ater, da família de Ezequias: 98; ²²descendentes de Hachum: 328; ²³descendentes de Beçai: 324; ²⁴descendentes de Harif: 112; ²⁵descendentes de Guibeon: 95; ²⁶homens de Belém e de Netofa: 188; ²⁷homens de Anatot: 128; ²⁸homens de Bet-Azemávet: 42; ²⁹homens de Quiriat-Iarim, de Cafira e de Beerot: 743; ³⁰homens de Ramá e de Gueba: 621; ³¹homens de Micmái: 122; ³²homens de Betel e de Ai: 123; ³³homens de Nebo, 52; ³⁴homens do outro Elam: 1254; ³⁵homens de Harim: 320; ³⁶homens de Jericó: 345; ³⁷homens de Lod, de Hadid e de Ono: 721; ³⁸homens de Senaá: 3930.

³⁹Sacerdotes: descendentes de Jedaías, da casa de Jechua: 973; ⁴⁰descendentes de Imer: 1052; ⁴¹descendentes de Pachiur: 1247; ⁴²descendentes de Harim: 1017.

⁴³Levitas: descendentes de Jechua, nomeadamente de Cadmiel, da família de Hodavias: 74.

⁴⁴Cantores: descendentes de Asaf: 148.

⁴⁵Porteiros: descendentes de Chalum, de Ater, de Talmon, de Acub, de Hatita, de Sobai: 138.

⁴⁶Servos do templo: descendentes de Sia, descendentes de Hassupa, descendentes de Tabaot, ⁴⁷descendentes de Querós, descendentes de Siá, descendentes de Padon, ⁴⁸descendentes de Lebana, descendentes de Hagaba, descendentes de Salmái, ⁴⁹descendentes de Hanan, descendentes de Gidiel, descendentes de Gaar, ⁵⁰descendentes de Reaías, descendentes de Recin, descendentes de Necoda, ⁵¹descendentes de Gazam, descendentes de Uzá, descendentes de Passea, ⁵²descendentes de Besai, descendentes de Meunim, descendentes de Nefichessim, ⁵³descendentes de Bacbuc, descendentes de Hacufa, descendentes de Harur, ⁵⁴descendentes de Bacelut, descendentes de Maída, descendentes de Harcha, ⁵⁵descendentes de Barcós, descendentes de Sísera, descendentes de Tema, ⁵⁶descendentes de Necia, descendentes de Hatifa.

^f Esta lista de repatriados aparece igualmente em Esd 2,1-67, com ligeiras discrepâncias.

⁵⁷Os descendentes dos servos de Salomão: filhos de Sotai, descendentes de Soféret, descendentes de Perudá, ⁵⁸descendentes de Jaala, descendentes de Darcon, descendentes de Gidiel, ⁵⁹descendentes de Chefatias, descendentes de Hatil, descendentes de Poquéret-Hacebaim, descendentes de Amon.

⁶⁰Total dos servos do templo e dos descendentes dos servos de Salomão: 392.

⁶¹Estes são os que regressaram de Tel-Mela, de Tel-Harcha, de Querub-Adon e de Imer, mas que não puderam provar que a sua família e ascendência pertencia a Israel: ⁶²descendentes de Delafas, descendentes de Tobias, descendentes de Necoda: 642.

⁶³E de entre os sacerdotes: descendentes de Habafas, descendentes de Hacós, descendentes de Barzilai. Este último casou com uma das filhas de Barzilai de Guilead e adotou o nome deles. ⁶⁴Todos estes procuraram o seu registo entre os que estavam na genealogia, mas não foi encontrado. Foram, por isso, excluídos do sacerdócio. ⁶⁵O governador proibiu-os de comer dos alimentos consagrados até que se apresentasse um sacerdote para consultar os *urim* e os *tumim*^a.

⁶⁶Toda a comunidade era formada por um total de 42360 pessoas^b, ⁶⁷sem contar os seus escravos e escravas, em número de 7337, e ainda 245 cantores e cantoras.

⁶⁸Possuíam ainda 435 camelos e 6720 jumentos.

Donativos para a obra (Esd 2,68-70; 1 Cr 29,5-9)

⁶⁹Alguns do grupo dos chefes de clã fizeram donativos para a obra. O governador ofereceu ao tesouro 1000 dracmas de ouro, 50 bacias de aspersão e 530 túnicas sacerdotais. ⁷⁰Os chefes de clã ofereceram para o tesouro da obra 20000 dracmas de ouro e 2200 minas de prata^c, ⁷¹enquanto o resto do povo ofereceu 20000 dracmas de ouro, 2000 minas de prata^d e 67 túnicas sacerdotais. ⁷²Os sacerdotes, os levitas, os porteiros, os cantores, alguns membros do povo, os servos do templo e todo o Israel estabeleceram-se nas suas respetivas cidades.

Ao chegar o sétimo mês^e, os filhos de Israel já estavam instalados nas suas cidades.

^a Sobre estes objetos sagrados, ver Esd 2,63 nota.

^b Sobre este número, ver Esd 2,64 nota.

^c Uma *mina* equivalia a 50 siclos e correspondia a cerca de 0,57 quilogramas de peso. O total perfazia aproximadamente de 168 quilos de ouro e 1250 quilos de prata.

^d No total equivale aproximadamente a 168 quilos de ouro e 1140 quilos de prata.

^e O *sétimo mês* é o mês de Tisri e corresponde a setembro-outubro no calendário gregoriano.

RENOVAÇÃO DA ALIANÇA COM DEUS (8,1-10,40)^f

8 Leitura solene da Lei

¹Então reuniu-se todo o povo como um só homem na praça que fica diante da porta das Águas^g e pediram ao escriba Esdras que trouxesse o livro da Lei de Moisés^h, que o SENHOR tinha ordenado a Israel. ²No primeiro dia do sétimo mês, Esdras, o sacerdote, apresentou a Lei diante da assembleia que incluía homens, mulheres e todos aqueles que eram capazes de entender o que escutavam. ³Esdras fez a leitura do livro, na praça diante da porta das Águas, do nascer do sol e até meio do dia, diante dos homens, das mulheres e de todos aqueles que podiam entender. Todo o povo estava de ouvido atento à leitura do livro da Lei. ⁴Esdras, o escriba, estava de pé sobre um estrado de madeira, preparado para a ocasião. Junto a ele encontravam-se, à sua direita, Matatias, Chema, Anaías, Urias, Hilquias e Massaiás, e à sua esquerda, Pedaías, Michael, Malquias, Hachum, Hasbadana, Zacarias e Mechulam. ⁵Esdras abriu o livro à vista de todo o povo, porque se encontrava num lugar mais elevado em relação ao povo. Quando abriu o livro, todo o povo se pôs de pé. ⁶Esdras bendisse o SENHOR, o grande Deus, e todo o povo, erguendo as mãos, respondeu: «Ámen, ámen!» Em seguida, inclinaram-se e adoraram o SENHOR, com o rosto por terra. ⁷Os levitas Jechua, Bani, Cherebias, Jamin, Acub, Chabetai, Hodaías, Massaiás, Quelitá, Azarias, Jozabad, Hanan e Pelaiás explicavam a Lei ao povo, que permanecia de pé. ⁸Faziam a leitura do livro da Lei de Deus comentando e expondo o sentido, de forma que todos entendessem a leituraⁱ.

^f Os capítulos 8-10 interrompem o relato do processo de repovoamento de Jerusalém, que será retomado no capítulo 11. Alguns autores sugerem que o presente capítulo é a continuação natural de Esd 8,36: a missão de Esdras incluía, além do transporte das ofertas para o templo de Jerusalém (Esd 7,15-20), a proclamação/ensino da Lei (Esd 7,25-26). Os capítulos 9-10, com a confissão pública dos pecados e a renovação da aliança, seriam, por seu lado, a continuação natural de Esd 10,44. Na sua presente localização, este tríptico funciona como preparação imediata para a cerimônia da dedicação das muralhas da cidade (Ne 12,27-43) e sugere a convergência das missões de Esdras e Neemias. Embora historicamente problemática, esta convergência tem o mérito literário e teológico de apresentar o regresso do exílio como um só movimento, inspirado, conduzido e sustentado por Deus, do édito de Ciro (Esd 1,1-4) à jubilosa dedicação da recém-reconstruída muralha, passando pela dolorosa purificação identitária do povo (Esd 9-10).

^g *A porta das Águas* estava situada, muito provavelmente, no lado oriental da cidade, junto à nascente de Guion (3,26).

^h A expressão *livro da Lei de Moisés* (mais adiante, *livro da Lei de Deus*) faz referência ao Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia, a que o judaísmo chama Torá (lei, instrução). Na época de Esdras ou talvez de Neemias, o Pentateuco já devia existir, pelo menos sob uma forma primitiva.

ⁱ Os vv. 5-8 descrevem, de forma sucinta, os elementos essenciais da liturgia da Palavra: o desenrolar do rolo (lit.: *abrir o livro*) diante da assembleia de pé em sinal de respeito, seguido de uma breve bênção, antes do início da leitura propriamente dita. A leitura era acompanhada por uma tradução-explicação, confiada neste caso aos levitas (Dt 33,10; 2Cr 17,7-9; 35,3). O culto da sinagoga e mesmo a liturgia cristã herdaram muitos destes elementos.

⁹Então, Neemias, o governador, Esdras, o sacerdote e escriba, e os levitas que instruíam o povo disseram^a a todo o povo: «Hoje é um dia consagrado ao SENHOR, vosso Deus. Não fiqueis tristes nem choreis!» Isto, porque todo o povo chorava ao escutar as palavras da Lei^b. ¹⁰E acrescentaram: «Ide, pois, comei uma boa refeição, bebei vinho doce e reparti com aqueles que não têm nada preparado, porque este é um dia consagrado ao nosso Senhor. Não estejais tristes, porque a alegria do SENHOR é a vossa fortaleza». ¹¹E os levitas também tratavam de acalmar o povo, dizendo: «Guardai silêncio, pois este é um dia santo. Não vos aflijais!» ¹²Todo o povo se retirou, então, para ir comer e beber, repartindo com os outros. Festejaram cheios de alegria, porque tinham entendido as palavras que lhes foram dadas a conhecer.

Celebração da festa das Tendias (2 Cr 5,3ss; Esd 3,1-6)^c

¹³No segundo dia, os chefes dos clãs de todo o povo, os sacerdotes e os levitas reuniram-se junto de Esdras, o escriba, para aprofundarem o sentido das palavras da Lei. ¹⁴Encontraram escrito na Lei que o Senhor tinha ordenado, por meio de Moisés, que os filhos de Israel habitassem em tendas durante a festa celebrada no sétimo mês. ¹⁵Havia, por isso, que anunciar e proclamar em todas as suas cidades e também em Jerusalém o seguinte: «Saí às montanhas e trazei ramos de oliveira, de zambujeiro, de murta, de palmeira e de outras árvores frondosas, a fim de construir tendas^d, como está prescrito». ¹⁶O povo saiu, trouxe os ramos e cada um construiu a sua tenda, no seu terraço e nos pátios das casas, nos átrios da casa de Deus, nas praças diante da porta das Águas e da porta de Efraim. ¹⁷Toda a assembleia dos que regressaram do cativeiro construiu tendas e habitou nelas. Pois desde o tempo de Josué, filho de Nun, e até àquele dia, nunca os filhos de Israel tinham feito coisa semelhante^e. A alegria foi, por isso, muito grande. ¹⁸Do primeiro ao último dia da

^a Os verbos desta frase e da seguinte estão no singular. Possivelmente foi Esdras quem falou como foi ele que fez a leitura. Os outros nomes devem ter entrado no texto, quando se fez a convergência entre a viagem de Neemias e a de Esdras.

^b A razão do choro parece ser a consciência de que não estiveram à altura da Lei agora solenemente proclamada (cf. a reação de Josias em 2Rs 22,11). A exortação lembra ao povo a natureza do dia que estão a celebrar, um dia consagrado ao Senhor, que deve ser caracterizado pela alegria (Lv 23,24; Nm 29,2-6).

^c Sobre a *festa das Tendias*, celebrada no sétimo mês, cf. Esd 3,4 nota.

^d É costume dar a estes abrigos e à festa o nome de *Festa das Tendias*. Trata-se de abrigos (*sukkot*) que se armam com ramagens e não de tendas de pano ou pele como as do deserto (*'obel*).

^e A referência ao aconteceu nos dias de *Josué, filho de Nun* é problemática. Esd 3,1-6 relata a celebração desta mesma festa pouco depois do regresso do exílio. Uma solução passa por supor que o Josué de que aqui se fala é o sacerdote Jechua, filho de Joçadac, referido em Esd 3,2. Outra é supor que a referência é, sobretudo, simbólica ou programática: o processo de regresso do exílio e restabelecimento sobre a terra deve ser lido à luz do êxodo do Egito e da entrada na terra prometida. A solene renovação da aliança em curso é, por isso, simbolicamente, um eco da aliança celebrada em Siquém, nos dias de Josué, após a instalação na terra (Js 24,1-28).

feita, ele fez a leitura do livro da Lei de Deus. A festa durou sete dias e, no oitavo dia, reuniu-se uma assembleia solene, como está prescrito.

9 Confissão pública dos pecados^f

¹No vigésimo quarto dia daquele mês, os filhos de Israel reuniram-se para um jejum, vestidos de saco e cobertos de pó.^g ²Separaram os descendentes^h de Israel de todos os estrangeiros e apresentaram-se para confessar os seus pecados e as culpas dos seus pais.ⁱ ³Puseram-se de pé e fizeram a leitura do livro da Lei do SENHOR, seu Deus, durante um quarto do dia; durante outro quarto, confessaram os pecados e adoraram o SENHOR, seu Deus. ⁴Então, Jechua, Binui, Cadmiel, Chebanias, Buni, Cherebias, Bani e Canani subiram ao estrado dos levitas e invocaram, em voz alta, o SENHOR, seu Deus.

Oração penitencial (Esd 9,6-15; Ne 1,5-11; Dn 9,4-19; Est 4,17j-y)

⁵Os levitas Jechua, Cadmiel, Bani, Hasabenas, Cherebias, Hodaías, Chebanias e Petaías disseram:

«Levantai-vos e bendizei o SENHOR, vosso Deus!
 ‘Desde sempre e para sempre,
 e todos hão de bendizer o teu nome
 que é glorioso e está acima de toda a bênção e louvor!^k

⁶Só Tu és o SENHOR.

Fizeste os céus, os céus dos céus
 e todo o exército dos astros,
 a terra e tudo o que sobre ela existe,

^f Esta celebração penitencial, com início dois dias depois do fim da celebração da festa das Tendias, é associada, por alguns autores, ao Dia de Expição (*Yom Kippur*; cf. Lv 16,29-34), que no atual calendário litúrgico judaico se celebra no dia dez do sétimo mês (isto é, antes da festa das Tendias). Os textos da época do imediato pós-exílio mencionam a existência de um dia de jejum no sétimo mês (Zc 7,5; 8,19), mas não é possível saber se se trata do *Yom Kippur*, cuja celebração não parece ter estado ligada, pelo menos inicialmente, a uma data específica (Lv 23,27).

^g *Vestir-se de saco* (Jb 1,21; Jl 1,8.13; Jn 3,5.8) e *cobrir-se de pó* (Js 7,6; 1 Sm 4,12; 2 Sm 1,2; Jb 2,12) são gestos penitenciais carregados de significado: só Deus pode devolver a vida àqueles cujas transgressões os conduziram a um estado de morte espiritual.

^h Lit.: ... da semente ...

ⁱ A referência à separação dos estrangeiros parece fazer eco ao descrito em Esd 9-10. É a razão pela qual muitos autores supõem que, inicialmente, este capítulo e o próximo eram a continuação de Esd 10,44.

^j Sobre este género de orações, cf. Esd 9,5-15 nota. A particularidade principal desta oração penitencial é o longo e detalhado resumo da história de Israel aqui recapitulado (Ne 9,6-31): da criação (v. 6) ao exílio da Babilónia (vv. 30-31), passando pelo tempo dos patriarcas (vv. 7-9), o exodo (vv. 9-11), a longa travessia do deserto com o dom da Lei no Sinai (vv. 12-21), a conquista da terra (vv. 22-25) e o período dos juízes e da monarquia (vv. 26-31). Na sua estrutura, os vv. 6-31 apresentam semelhanças com os chamados salmos históricos (Sl 78; 105; 106; 135; 136). O apelo final (vv. 32-37), contudo, coloca o acento sobre a situação presente e o pedido de perdão e ajuda, que constituem o núcleo deste género de orações de carácter penitencial.

^k Trata-se de uma introdução de carácter hínico (veja-se, por exemplo, Sl 41,14; 106,48).

os mares e tudo o que eles contêm.

Tu dás vida a todos eles

e o exército celeste adora-te.^a

⁷Tu és, SENHOR, o Deus que escolheste Abrão

e o fizeste sair de Ur dos Caldeus

e lhe puseste o nome de Abraão^b.

⁸Encontraste nele um coração que te era fiel

e fizeste com ele uma aliança,

prometendo dar aos seus descendentes

a terra dos cananeus, dos hititas,

dos amorreus, dos perizeus,

dos jebuseus e dos guirgaseus.

E cumpriste a tua promessa,

porque Tu és justo.^c

⁹Viste a aflição dos nossos pais no Egito

e escutaste o seu clamor junto do mar Vermelho.

¹⁰Realizaste sinais e prodígios

contra o faraó, contra todos os seus servos

e contra todo o povo do seu país,

porque Tu sabias o quão arrogantes

tinham sido com os nossos pais.

E alcançaste um renome igual ao que tens hoje.

¹¹Dividiste o mar diante deles

e passaram pelo meio dele a pé enxuto.

Precipitaste no abismo os seus perseguidores,

como pedra lançada às águas impetuosas^d.

¹²Conduziste-os, de dia,

por meio de uma coluna de nuvem,

e, de noite, por meio de uma coluna de fogo,

iluminando assim o caminho que haviam de seguir.^e

¹³Desceste sobre o monte Sinai,

falando com eles a partir dos céus

e deste-lhes ordens justas, leis verdadeiras,

preceitos e mandamentos benéficos.

¹⁴Deste-lhes a conhecer o teu santo sábado

e, por meio de Moisés, teu servo,

^a Cf. Gn 1,1-2,4.

^b Cf. Gn 12,1-4; 17,5.

^c Cf. Gn 15,19-21; Dt 4,37; 10,15.

^d Os vv. 9-11 evocam a opressão no Egito, a subsequente libertação e a travessia do mar Vermelho (Ex 1-15).

^e Cf. Ex 13,21-22; Nm 14,14; Dt 1,33.

- prescreveste-lhes mandamentos, preceitos e uma lei^f.
- ¹⁵ Deste-lhes pão dos céus para a sua fome
e fizeste brotar água do rochedo
para matar a sua sede.
Mandaste-os entrar
e tomar posse da terra^g
que, erguendo a tua mão direita,
tinhas jurado dar-lhes.
- ¹⁶ Mas eles e os nossos pais
encheram-se de orgulho e, de cabeça dura,
não obedeceram aos teus mandamentos.
- ¹⁷ Recusaram-se a obedecer
e não recordaram as maravilhas
que tinhas realizado em seu favor.
Mais uma vez de cabeça dura,
constituíram um chefe
a fim de voltarem à sua escravidão no Egito^h.
Tu, porém, és um Deus de perdão,
clemente e compassivo,
lento para a ira e rico em misericórdia,
e nunca os abandonasteⁱ.
- ¹⁸ Isto, mesmo quando fabricaram para si
um bezerro de metal e disseram:
‘Este é o teu deus que te fez subir do Egito!’^j
E cometeram ainda outras graves abominações.
- ¹⁹ Tu, contudo, na tua grande misericórdia,
não os abandonaste no deserto.
Não se afastou a coluna de nuvem
que os conduzia pelo caminho durante o dia,
nem a coluna de fogo
que, durante a noite,
iluminava o caminho que haviam de seguir.
- ²⁰ Mas deste-lhes o teu bom espírito para os instruir;
nunca recusaste o teu maná para a sua boca
e deste-lhes água para matar a sua sede.
- ²¹ Quarenta anos os sustentaste no deserto

^f Cf. Ex 19-20; Dt 4,10-14; 5,1-5.

^g Cf. Ex 16,1-21; 17,1-7; Nm 14,30; 20,8.

^h Cf. Nm 14,1-4.

ⁱ Cf. Ex 34,6-7.

^j Cf. Ex 32,1-6.

e nunca tiveram falta de nada.

As suas roupas não se romperam

e não se lhes incharam os pés^a.

²²Entregaste-lhes reinos e povos,
repartindo-os como terreno confinante.

E tomaram posse da terra de Seon, rei de Hesbon,

e da terra de Og, rei de Basan^b.

²³Tornaste os seus filhos tão numerosos
como as estrelas do céu

e fizeste-os entrar na terra

que tinhas mandado aos seus pais

para tomarem posse dela.

²⁴Foram os filhos que entraram

e tomaram posse da terra,

cujos habitantes, os cananeus,

Tu mesmo submeteste à sua frente,

entregando-os nas suas mãos,

assim como os seus reis

e as populações da terra,

para fazerem deles o que lhes aprouvesse.

²⁵Conquistaram cidades fortificadas e terras férteis,

tomaram posse de casas recheadas

com tudo aquilo que é bom,

de cisternas já escavadas,

de vinhas e olivais

e muitas árvores de fruto.

Comeram à saciedade e engordaram,

deleitando-se com a tua grande bondade^c.

²⁶Apesar disto, mostraram-se rebeldes

e revoltaram-se contra ti.

Atiraram a tua Lei para trás das costas

e mataram os teus profetas,

que os exortavam a voltarem para ti.

E cometeram outras abominações graves.

²⁷Entregaste-os nas mãos

dos seus inimigos, que os oprimiram.

Na sua aflição, clamaram por ti

e Tu desde os os escutaste-os

^a Cf. Dt 8,4.

^b Cf. Nm 21,21-35; Dt 1,4; 2,26-3,11.

^c Cf. Js 1-12; Dt 1,10-11; 6,10-11; 8,7-11.

e, por tua grande misericórdia,
enviaste-lhes salvadores que os salvaram
das mãos dos seus inimigos.

²⁸ Elogo que voltavam a ter descanso,
insistiam em praticar o mal diante de ti.
Tu os abandonavas nas mãos
dos seus inimigos, que os dominavam.
Convertiam-se de novo e clamavam por ti
e Tu os escutavas dos céus e, pela tua misericórdia,
repetidas vezes os libertaste.

²⁹ Tu os exortaste a voltar à tua Lei,
mas eles, cheios de orgulho,
não obedeceram aos teus mandamentos,
transgrediram as tuas ordens,
que dão vida a quem as cumpre,
voltaram-te as costas por teimosia
e, de cabeça dura, não te obedeceram.

³⁰ Pacientemente os suportaste muitos anos,
exortando-os com o teu espírito,
por meio dos teus profetas.
Mas eles não te deram ouvidos.
Entregaste-os, então, nas mãos
de povos de outras terras.

³¹ Mas, pela tua grande misericórdia,
não os aniquilaste nem abandonaste,
porque Tu és um Deus
clemente e compassivo^d.

³² E, agora, ó nosso Deus,
Deus grande, poderoso e terrível,
que guardas a aliança e a misericórdia,
não fiques indiferente às desgraças
que nos têm atingido, a nós,
aos nossos reis e aos nossos chefes,
aos nossos sacerdotes e profetas,
aos nossos pais e a todo o teu povo,
desde os tempos dos reis da Assíria
e até ao dia de hoje^e.

^d Cf. Jz 2,11-23; 2Rs 17.

^e A referência parece ser ao período de submissão aos grandes impérios estrangeiros, primeiro, os Assírios, depois, os Babilónios e, finalmente, os Persas, cujo início pode ser datado do reinado de Acaz (2Rs 16,7-18) ou da queda da Samaria em 721 a.C. (2Rs 17,24-41).

- ³³Em tudo o que nos aconteceu,
Tu te mostraste justo
e procedeste com fidelidade,
enquanto nós praticámos o mal.
- ³⁴Os nossos reis, os nossos chefes,
os nossos sacerdotes e os nossos pais
não observaram a tua Lei
e não acataram os teus mandamentos,
nem as advertências que lhes dirigiste.
- ³⁵Durante o seu reinado,
e apesar do que, por tua grande bondade,
lhes proporcionaste sobre esta terra
ampla e farta que lhes deste,
não te quiseram servir
nem se converteram das suas más ações.
- ³⁶Eis-nos hoje aqui escravos
e eis esta terra que deste aos nossos pais
para comerem dos seus frutos e dos seus bens.
Sim, nós somos escravos nesta terra!^a
- ³⁷E o seu produto abundante é para os reis
que colocaste sobre nós, por causa dos nossos pecados,
e que mandam nos nossos corpos
e nos nossos animais conforme lhes apraz.
Estamos, por isso, numa grande aflição^b».

10 Lista dos que assinaram a aliança

¹Por tudo isto, comprometemo-nos de boa fé e, sobre o documento selado que escrevemos estão os nomes dos nossos chefes, dos nossos levitas e dos nossos sacerdotes. ²E nos documentos selados estavam os nomes de: Neemias, o governador, filho de Hacalías, Sedecias, ³Seraías, Azarias, Jeremias, ⁴Pachiur, Amárias, Malquias, ⁵Hatus, Chebanias, Maluc, ⁶Harim, Meremot, Abdias, ⁷Daniel, Guineton, Baruc, ⁸Mechulam, Abias, Miamin, ⁹Maazias, Bilgai e Chemaías. Estes são os sacerdotes^b.

¹⁰Os levitas: Jechua, filho de Azanias, Binui, dos filhos de Henadad, Cadmiel ¹¹e os seus irmãos Chebanias, Hodaías, Quelitá, Pelaías, Hanan, ¹²Mica, Reob, Hasabias, ¹³Zacur, Cherebias, Chebanias, ¹⁴Hodaías, Bani e Beninu.

¹⁵Os chefes do povo: Parós, Paat-Moab, Elam, Zató, Bani, ¹⁶Buni, Azegad, Bebai, ¹⁷Adonias, Bigvai, Adin, ¹⁸Ater, Ezequias, Azur, ¹⁹Hodaías, Hachum, Beçai, ²⁰Harif, Anatot, Nebai, ²¹Magpias, Mechulam, Hezir, ²²Mechezabel, Sadoc, Jadua, ²³Pelatias,

^a Isto é, sujeitos à soberania dos monarcas persas.

^b Uma lista idêntica de 22 sacerdotes figura em 12,1-7.

Hanan, Anaías,²⁴Oseias, Hananias, Hachub,²⁵Loés, Pileá, Chobec,²⁶Reum, Hasabna, Massafas,²⁷Aías, Hanan, Anan,²⁸Maluc, Harim e Baana.

²⁹O resto do povo, os sacerdotes, os levitas, os porteiros, os cantores, os servos do templo e todos os que se tinham separado dos povos de outras terras e aderido à Lei de Deus, juntamente com as suas mulheres, os seus filhos, as suas filhas e todos os que eram capazes de entendimento,³⁰ apoiaram os seus irmãos ilustres e, sob juramento, tomaram o compromisso de caminhar segundo a Lei de Deus, que lhes tinha sido dada por intermédio de Moisés, o servo de Deus, e de a observar e praticar todos os mandamentos do SENHOR, Senhor nosso, bem como as suas ordens e preceitos.

Compromissos específicos

³¹«Além disso, não daremos as nossas filhas em casamento aos povos da terra e não tomaremos as suas filhas para os nossos filhos^c.³² Não compraremos, em dia de sábado ou em dia santo, as mercadorias nem o trigo que os povos da terra trazem para vender em dia de sábado. Deixaremos a terra em pousio no sétimo ano e procederemos à remissão de todas as dívidas^d.³³ Tomamos sobre nós a obrigação de contribuir, anualmente, com um terço de siclo para o serviço do templo^e,³⁴ para os pães da proposição, para as ofertas de cereais quotidianas e para os holocaustos perpétuos e ainda para os sacrifícios dos sábados, das luas novas, dos dias consagrados, para as outras ofertas sagradas, para os sacrifícios de expiação em favor de Israel e para todas as tarefas do templo do nosso Deus^f.³⁵ Nós, os sacerdotes, os levitas e o povo, tirámos à sorte para definir o que diz respeito à oferta de madeira, que cada família deve trazer para a casa do nosso Deus, cada ano, nos tempos determinados, a fim de ser queimada sobre o altar do SENHOR, nosso Deus, conforme está prescrito na Lei^g.³⁶ Comprometemo-nos também a trazer para o templo do SENHOR, cada ano, os primeiros frutos da nossa terra e de todas as árvores,³⁷ assim como os primogénitos dos nossos filhos e dos nossos animais, como está prescrito na Lei. Traremos igualmente para a casa do nosso Deus os primogénitos do nosso gado graúdo e do nosso rebanho, a fim de os apresentar aos sacerdotes de turno na casa do

^c Cf. Esd 9-10 e Ne 13,23-28.

^d As leis sobre o sábado já proibiam um número significativo de atividades (Ex 20,8-11; 23,12; 34,21), inclusive a venda de produtos (Am 8,5). O presente compromisso visa inviabilizar igualmente a possibilidade de adquirir bens vendidos por estrangeiros em dia de sábado ou noutros dias santos (13,15-22). Sobre o sétimo ano, cf. Ex 23,10-11; Lv 25,1-7; Dt 5,1-18.

^e Um terço de siclo corresponde a cerca de quatro gramas de prata (Ex 30,11-16; 38,25-26; 2Cr 24,4-14; Mt 17,24-27).

^f O termo *pães da proposição* ou *da presença* designa os pães que eram dispostos sobre uma mesa, em duas filas de seis, diante de Deus, no interior do santuário. Representavam as doze tribos de Israel (Ex 25,23-30; Lv 24,5-9; 1Cr 9,32; 2Cr 13,11). A oferta de cereais era constituída por farinha, azeite e vinho e acompanhava o holocausto do cordeiro, de manhã e de tarde (Ex 29,38-42; Nm 28,1-8). As *ofertas sagradas* aqui referidas eram trazidas somente em ocasiões especiais (2Cr 29,33; 35,13). Sobre os sacrifícios expiatórios, cf. Lv 4,1-5,13; Nm 15,22-29; 2Cr 29,21; etc.

^g Esta *oferta de madeira* não está prevista na legislação mosaica. Trata-se, com toda a probabilidade, de uma inovação do período pós-exílico.

nosso Deus^a. ³⁸Aos sacerdotes traremos ainda as primícias da nossa farinha amassada, dos nossos produtos, dos frutos de todas as árvores, do vinho e do azeite, a fim de serem recolhidas nas salas da casa do nosso Deus^b. Traremos o dízimo da nossa terra aos levitas. Os mesmos levitas vão recolher o dízimo em todas as cidades em que trabalhamos. ³⁹Os levitas serão acompanhados por um sacerdote da linhagem de Aarão quando recolherem o dízimo e depositarão a décima parte do dízimo na casa do nosso Deus, nas salas do tesouro^c. ⁴⁰Pois é para estas salas que os filhos de Israel e os levitas trarão as ofertas de trigo, vinho e azeite. Ali se encontram os utensílios do santuário e ali residem os sacerdotes que estão de serviço, bem como os porteiros e os cantores. E não mais abandonaremos a casa do nosso Deus».

REPOVOAMENTO DE JERUSALÉM E DEDICAÇÃO DA MURALHA (11,1-12,43)

11 Repovoamento de Jerusalém (1Cr 9,1-34)^d

¹Os príncipes do povo estabeleceram-se em Jerusalém e o resto do povo tirou à sorte que um em cada dez fosse habitar em Jerusalém, na cidade santa, enquanto os nove restantes habitariam nas outras cidades. ²O povo abençoou todos aqueles que se ofereceram para habitar em Jerusalém.

³Estes são os chefes da província que se estabeleceram em Jerusalém, enquanto os restantes israelitas, os sacerdotes, os levitas, os servos do templo e os descendentes dos servos de Salomão se estabeleceram nas cidades de Judá, cada um na respetiva propriedade e cidade. ⁴Fixaram-se em Jerusalém igualmente alguns descendentes de Judá e de Benjamim. Entre os descendentes de Judá: Ataías, filho de Uzias, filho de Zacarias, filho de Amarias, filho de Chefatias, filho de Malaiel, dos descendentes de Peres; ⁵Massaías, filho de Baruc, filho de Col-Hozé, filho de Hazaías, filho de Adaías, filho de Joiarib, filho de Zacarias, descendente de Chelá. ⁶Total dos descendentes de Peres que se estabeleceram em Jerusalém: 468 homens de valor.

⁷Entre os descendentes de Benjamin estavam: Salú, filho de Mechulam, filho de Joed, filho de Pedafias, filho de Colafias, filho de Massaías, filho de Itiel, filho de Jesaías, ⁸com os seus irmãos Gabai e Salai; no total, 928. ⁹Joel, filho de Zicri, era o líder deste grupo; e o segundo posto na cidade era ocupado por Judá, filho de Hassenua.

¹⁰Entre os sacerdotes estavam: Jedaías, filho de Joiarib, Jaquin, ¹¹Seraías, filho de Hilquias, filho de Mechulam, filho de Sadoc, filho de Meraiot, filho de Aitub,

^a Sobre a *oferta dos primeiros frutos*, cf Ex 23,19; 34,26; Dt 26,1-11; Nm 28,26. Sobre os *primogénitos*, cf. Ex 13,2; 22,30; 34,19-20; Dt 15,19-20; Nm 18,15.

^b Cf. Nm 15,20-21; 18,12.

^c Sobre o *dízimo*, ver a legislação em Nm 18,21-32; Dt 14,22-29.

^d Este capítulo parece ser a continuação natural de 7,4-5 (ou 7,72). Sobre a importância do povoamento da cidade santa, cf. nota a 7,4.

intendente da casa de Deus,¹² com os seus irmãos que trabalhavam nas tarefas do templo; no total, 822; Adaías, filho de Jeroam, filho de Pelalías, filho de Amsi, filho de Zacarias, filho de Pachiur, filho de Malquias,¹³ com os seus irmãos, chefes de clã; no total, 242; Amachessai, filho de Azarel, filho de Azai, filho de Mechilemot, filho de Imer,¹⁴ com os seus irmãos, homens de valor; no total, 128; Zabdiel, o grande, era o líder deste grupo.

¹⁵Entre os levitas estavam Chemaías, filho de Hachub, filho de Azericam, filho de Hasabias, filho de Buni,¹⁶ e ainda Chabetai e Jozabad, chefes dos levitas, encarregados dos trabalhos exteriores da casa de Deus;¹⁷ Matanias, filho de Mica, filho de Zabdi, filho de Asaf, responsável pelo início dos hinos de louvor nos tempos de oração; Bacbuquias, o segundo entre os seus irmãos, e Abda, filho de Chamua, filho de Galal, filho de Jedutun.¹⁸ Total dos levitas residentes na cidade santa: 284.

¹⁹Os porteiros Acub, Talmon e os seus irmãos, guardas das portas, eram, no total, 172.²⁰ O resto dos israelitas, dos sacerdotes e dos levitas estabeleceram-se em todas as cidades de Judá, cada um na respetiva propriedade.²¹ Os servos do templo estabeleceram-se no Ofel, sob a liderança de Sia e Guispa.²² O encarregado dos levitas em Jerusalém era Uzi, filho de Bani, filho de Hasabias, filho de Matanias, filho de Mica, dos descendentes de Assaf, cantores responsáveis pelo serviço da casa de Deus.²³ Os cantores estavam sob um decreto do rei que determinava as suas obrigações diárias.²⁴ Petaías, filho de Mechezabel, dos descendentes de Zera, filho de Judá, era comissário do rei para tudo o que dizia respeito ao povo^f.

Estabelecimento nas regiões rurais (Js 15; Esd 2,26-33)

²⁵Quanto às povoações situadas nos seus campos, alguns descendentes de Judá estabeleceram-se em Quiriart-Arbá e nas suas aldeias; em Dibon e nas suas aldeias; em Cabeciel e nas suas povoações,²⁶ em Jechua, Molada, Bet-Pélet,²⁷ Haçar-Chual, Bercheba e nas suas aldeias;²⁸ em Ciclag e Meconá e nas suas aldeias;²⁹ em En-Rimon, Sorá, Jarmut,³⁰ Zanoa, Adulam e nas suas povoações; em Láquis e nos seus campos; em Azeca e nas suas aldeias. Instalaram-se desde Bercheba até ao vale de Hinom.

³¹Os descendentes de Benjamim estabeleceram-se em Gueba, Micmás, Ai, Betel, e nas suas aldeias,³² em Anatot, Nob, Ananias,³³ Haçor, Ramá; em Guitaim,³⁴ Hadid, Seboim, Nebalat,³⁵ Lod, Ono e no vale dos Artesãos.³⁶ E dos levitas havia grupos em Judá e outros em Benjamim.

^c O título *intendente da casa de Deus* era usado, nesta época, para designar, muito provavelmente, o sumo-sacerdote (Cf. 1Cr 9,20; 2Cr 31,13).

^f O texto não explicita que rei é o responsável pelo referido decreto. 1Cr 25 atribui ao rei David a organização da liturgia cultural (cf. 12,24). O contexto, contudo, parece sugerir que se trata do monarca persa, que também teria nomeado um comissário.

12 Lista dos ministros sagrados

¹Estes são os sacerdotes e levitas que regressaram com Zorobabel, filho de Salatiel, e com Jechua: Seraías, Jeremias, Esdras, ²Amarias, Maluc, Hatus, ³Checanias, Reum, Meremot, ⁴Ido, Guineton, Abias, ⁵Miamin, Moadias, Bilga, ⁶Chemaías, Joiarib, Jedaías, ⁷Salú, Amoc, Hilquias, Jedaías. Estes eram os chefes dos sacerdotes e dos seus irmãos no tempo de Jechua.^a

⁸Os levitas: Jechua, Binui, Cadmiel, Cherebias, Judá e Matanias que, com os seus irmãos, dirigia os hinos de ação de graças; ⁹Bacbuquias, Uni e os seus irmãos alternavam com eles no serviço.

¹⁰Jechua gerou Joaquim, Joaquim gerou Eliachib, Eliachib gerou Joiadá, ¹¹Joiadá gerou Jonatan, Jonatan gerou Jadua. ¹²No tempo de Joaquim, eram estes os chefes das famílias sacerdotais: da de Seraías, Meraías; da de Jeremias, Hananias; ¹³da de Esdras, Mechulam; da de Amarias, Joanan; ¹⁴da de Maluc, Jonatan; da de Chebanias, José; ¹⁵da de Harim, Adná; da de Meraiot, Helcai; ¹⁶da de Ido, Zacarias; da de Guineton, Mechulam; ¹⁷da de Abias, Zicri; da de Miniamin e Moadias, Piltai; ¹⁸da de Bilga, Chamua; da de Chemaías, Jonatan; ¹⁹da de Joiarib, Matenai; da de Jedaías, Uzi; ²⁰da de Salú, Calai; da de Amoc, Éber; ²¹da de Hilquias, Hasabias; da de Jedaías, Nataniel.

²²No tempo de Eliachib, de Joiadá, de Joanan e de Jadua, foram registados por escrito os nomes dos chefes das famílias sacerdotais até ao reinado de Dario, o persa.

²³Os nomes dos chefes das famílias dos levitas foram registados por escrito nos livros das crónicas, até ao tempo de Joanan, filho de Eliachib^b. ²⁴Os chefes dos levitas eram: Hasabias, Cherebias e Jechua, filho de Cadmiel, responsáveis, em alternância com os seus irmãos e distribuídos por dois coros, para os hinos de louvor e para a ação de graças, conforme o que foi disposto por David, homem de Deus. ²⁵Matanias, Bacbuquias, Abdias, Mechulam, Talmon e Acub eram os porteiros e estavam de guarda aos armazéns junto às portas. ²⁶Estes exerceram funções no tempo de Joaquim, filho de Jechua, filho de Joçadac, e no tempo de Neemias, o governador, e de Esdras, o sacerdote e escriba.

Dedicação da muralha (Esd 3,3-5.10-13; 6,13-18; 1Cr 15,16-24)^c

²⁷Por ocasião da dedicação da muralha de Jerusalém, convocaram-se os levitas de todos os lugares onde residiam para virem a Jerusalém, a fim de se celebrar a

^a Cf. 10,3-8; 12,12-21. O nome de Esdras incluído nesta lista (v. 1) é muito provavelmente o Azarias que figura em 10,3 e não o sacerdote-escriba que dá o nome ao livro de Esdras, cuja missão é descrita em Esd 7-10 (ver também Ne 8). A base hebraica dos dois nomes é a mesma.

^b Movido pelo desejo de assegurar o leitor da credibilidade da informação, o autor ou redator final do livro apresentam as fontes das listas. O registo dos nomes dos chefes das famílias sacerdotais estende-se do tempo de Eliachib, portanto do tempo de Neemias, até ao reinado de *Dario, o persa*. Esta última referência pode ser tanto a Dario II (423-404 a.C.) como a Dario III (336-331 a.C.). Esta referência aos *livros das crónicas*, em que foram registados os nomes dos chefes das famílias de levitas, parece ter sido uma espécie de crónica do templo de Jerusalém, não devendo ser confundidos com os livros canónicos com o mesmo nome.

^c Sobre a assimilação religiosa e cultural entre o templo e a cidade, cf. nota a 3,1.

dedicação com alegria, com hinos de ação de graças e cânticos, ao som de címbalos, harpas e cítaras. ²⁸Reuniram-se os cantores da região à volta de Jerusalém e das povoações de Netofa, ²⁹de Bet-Guilgal e dos campos de Gueba e de Azemávet, pois os cantores tinham construído para si povoados nos arredores de Jerusalém. ³⁰Os sacerdotes e os levitas purificaram-se e, em seguida, purificaram o povo, as portas e a muralha.^d

³¹Ordenei^e que os principais de Judá subissem à muralha, divididos em dois grandes coros de ação de graças. Um caminhava pela direita sobre a muralha, em direção à porta do Lixo. ³²Seguiam atrás dele Hosaiás e metade dos principais de Judá, ³³assim como Azariás, Esdras, Mechulam, ³⁴Judá, Benjamim, Chemaías e Jeremias. ³⁵Filhos dos sacerdotes com trombetas: Zacarias, filho de Jonatan, filho de Chemaías, filho de Matanias, filho de Miqueias, filho de Zacur, filho de Asaf, ³⁶juntamente com os seus irmãos Chemaías, Azarel, Milalai, Guilalai, Maai, Nataniel, Judá e Hanani, levando os instrumentos musicais de David, homem de Deus. À sua frente ia o escriba Esdras. ³⁷Quando chegaram à porta da Fonte, subiram a escadaria da cidade de David que se encontrava em frente deles, pela subida da muralha junto ao palácio de David, até à porta das Águas, a oriente.

³⁸O segundo coro caminhava pela esquerda. E eu seguia-o juntamente com metade do povo, sobre a muralha, por cima da torre dos Fornos e até à muralha larga; ³⁹passámos, em seguida, sobre a porta de Efraim, a porta Antiga, a porta dos Peixes, sobre a torre de Hananiel e a torre dos Cem, até à porta das Ovelhas, parando ao nível da porta da Prisão.^f

⁴⁰Os dois coros detiveram-se na casa de Deus. Também eu me detive e comigo metade dos magistrados; ⁴¹bem como os sacerdotes Eliaquim, Massaías, Miniamin, Miqueias, Elioenai, Zacarias, Hananias, com cornetas; ⁴²e ainda Massaías, Chemaías, Eleázar, Uzi, Joanan, Malquias, Elam e Ézer. Os cantores faziam-se ouvir, dirigidos por Jizeraías.

⁴³Ofereceram-se, naquele dia, grandes sacrifícios e foi grande o regozijo, pois Deus tinha-lhes inspirado uma grande alegria. As mulheres e as crianças também participaram no júbilo, de tal forma que a alegria de Jerusalém se podia ouvir desde longe.^g

^d Esta é a única vez na Bíblia onde se menciona uma purificação ritual das portas e das muralhas de uma cidade. Sendo lugares de passagem, as portas de Jerusalém, a cidade santa (Ne 11,1), dão acesso ao espaço considerado sagrado, por oposição ao mundo profano que se estende para além das muralhas.

^e Retoma-se aqui o relato na primeira pessoa do singular como se fossem as memórias de Neemias.

^f O essencial da cerimónia da *dedicação* da muralha parece ter consistido num ritual em que se deu a volta às muralhas da cidade. Comum na Antiguidade em cerimónias de dedicação de edifícios e de cidades, este género de ritual era uma forma de marcar simbolicamente a fronteira entre o sagrado e o profano, entre o mundo ordenado e o caos.

^g Cf. Esd 3,13.

SEGUNDA MISSÃO DE NEEMIAS: REFORMAS RELIGIOSAS (12,44-13,31)^a

Subsistência dos ministros sagrados

⁴⁴Por aquela altura, estabeleceram-se os responsáveis pelas salas do tesouro onde se guardavam, provenientes dos campos em redor das cidades, as ofertas, as primícias e os dízimos, a fim de serem aí recolhidos, como porções que a Lei prescreve para os sacerdotes e os levitas. Pois o povo de Judá^b alegrou-se com os sacerdotes e os levitas que exerciam o seu ministério,⁴⁵ assegurando o culto do seu Deus e o ritual das purificações, juntamente com os cantores e os porteiros, de acordo com o prescrito por David e Salomão, seu filho^c. ⁴⁶De facto, já desde antigamente, no tempo de David e Assaf, havia chefes dos cantores e responsáveis pelos hinos de louvor e de ação de graças dirigidos a Deus. ⁴⁷E no tempo de Zorobabel e de Neemias, todos em Israel entregavam quotidianamente as porções destinadas aos cantores e aos porteiros. Separavam as coisas consagradas aos levitas e os levitas separavam as coisas consagradas aos descendentes de Aarão^d.

13 Expulsão dos estrangeiros (Esd 9-10; Ml 2,10-16)

¹Por aquela altura, ao ler-se o livro de Moisés diante do povo, descobriu-se que estava ali escrito que o amonita e o moabita jamais poderiam integrar a assembleia de Deus,² porque não receberam os filhos de Israel com pão e água, antes contrataram Balaão para os amaldiçoar, ainda que o nosso Deus tenha mudado a maldição em bênção.^e ³Quando ouviram a leitura da Lei afastaram de Israel todos os de ascendência estrangeira^f.

Correção de abusos na administração do templo

⁴Antes disto, o sacerdote Eliachib, que era responsável pelos entrepostos do templo do nosso Deus e parente de Tobias,⁵ havia colocado à disposição de Tobias uma grande sala, onde antes se depositavam as ofertas de cereais, o incenso, os utensílios, o dízimo do trigo, do vinho e do azeite, prescrito para os levitas, cantores e porteiros, e ainda as ofertas reservadas aos sacerdotes.

^a Este capítulo final do livro dá conta de um conjunto de reformas de cariz religioso empreendidas por ocasião do segundo período de Neemias em Jerusalém (13,6-7). As disposições tomadas têm a ver com o problema da subsistência dos ministros sagrados (12,44-47; 13,10-13), da preservação da pureza identitária (13,1-3.23-28) e da santificação do sábado (13,15-22).

^b Lit.: *Judá*.

^c Cf. 1Cr 23-26; 2 Cr 8,14.

^d Cf. 10,38-39; Nm 18,26-32.

^e Trata-se de uma citação não literal e em terceira pessoa de Dt 23,4-7. Sobre a figura de Balaão, cf. Nm 22-24.

^f Lit.: *os de ascendência mista*, isto é, os que se haviam unido por laços de sangue à população local não-judaica (Esd 9-10).

⁶Enquanto isto sucedia, eu encontrava-me ausente de Jerusalém, porque no trigésimo segundo ano do reinado de Artaxerxes, rei da Babilônia, fui ter com o rei. Ao fim de algum tempo, pedi ao rei ⁷e regresssei a Jerusalém⁸. Então dei-me conta da conduta reprovável de Eliachib ao favorecer Tobias, colocando à sua disposição uma sala nos átrios da casa de Deus. ⁸Fiquei muito indignado e ordenei que se atirasse para fora da sala tudo o que pertencia a Tobias ⁹e que se purificasse o espaço e se voltasse a depositar nele os utensílios da casa de Deus, as ofertas de cereais e o incenso.

Reposição do pagamento do dízimo dos levitas

¹⁰Tomei conhecimento que as porções dos levitas não lhes estavam a ser entregues e que, por isso, eles e os cantores de serviço se tinham retirado cada um para o seu campo. ¹¹Censurei os magistrados, dizendo-lhes: «Por que razão se deixa a casa de Deus ao abandono?» Mandei, então, reunir os levitas e voltei a estabelecê-los nas suas funções. ¹²Todo o povo de Judá^h voltou a trazer o dízimo do trigo, do vinho e do azeite para os armazéns do tesouro. ¹³Estabeleci como superintendentes o sacerdote Chelemias, o escriba Sadoc e Pedaías, um dos levitas, coadjuvados por Hanan, filho de Zacur, filho de Matanias, porque estes eram considerados dignos de confiança. Cobia-lhes distribuir as porções pelos seus irmãos.

¹⁴Recorda-te em meu favor de tudo isto, ó meu Deus, e não esqueças a piedade que mostrei pela casa do meu Deus e pelo seu serviçoⁱ.

A questão da observância do sábado^j

¹⁵Naquela altura, reparei que havia em Judá certos homens que pisavam uvas ao sábado e que traziam feixes e os carregavam sobre jumentos. Transportavam ainda vinho, uvas, figos e toda a espécie de cargas, trazendo-os para Jerusalém em dia de sábado. Repreendi-os por venderem os seus produtos neste dia. ¹⁶Certos habitantes de Tiro, que se haviam estabelecido na cidade^k, também traziam peixe e todo o género de produtos e vendiam-nos ao sábado aos de Judá, em Jerusalém. ¹⁷Censurei os notáveis de Judá, dizendo-lhes: «Que má ação é essa que fazeis, ao profanar assim o dia de sábado? ¹⁸Não foi porque também assim procederam os vossos pais que o nosso Deus fez cair sobre nós e sobre esta cidade toda esta desgraça?^l Vós não estais senão a aumentar a ira sobre Israel ao profanar assim o sábado!»

^g Sobre o primeiro período de Neemias (445-433 a.C.), cf. nota a 5,14. O texto não nos informa acerca da duração desta ausência. Em todo o caso, o pedido terá de ter ocorrido antes da morte de Artaxerxes (em 423 a.C.) O título *rei da Babilônia* aplicado aos monarcas persas é pouco usual. Num certo sentido, os reis aqueménidas são os sucessores dos babilônios. Além disso, também tinham residência na cidade da Babilônia.

^h Lit.: *Judá*.

ⁱ Sobre estas preces espontâneas do protagonista, cf. 13,22.29.31 e as notas a 3,36-37 e 5,14.

^j Sobre a reforma da observância do sábado, cf. nota a Esd 10,32.

^k Trata-se, muito provavelmente, de alguma colônia de mercadores de origem fenícia.

^l Sobre a ligação entre profanação do sábado e desgraça nacional, cf. Ez 20; Jr 17,19-27.

¹⁹Ordenei, por isso, que, logo que caíssem as primeiras sombras sobre as portas de Jerusalém, em véspera de sábado, se fechassem as portas e não se voltasse a abri-las senão depois do fim do sábado^a. E coloquei alguns dos meus servos junto às portas, a fim de impedir a entrada de mercadoria em dia de sábado. ²⁰Alguns negociantes e vendedores de toda a espécie de produtos passaram a noite no exterior de Jerusalém, uma ou duas vezes. ²¹Repreendi-os, dizendo-lhes: «Porque passais aqui a noite diante da muralha? Se voltardes a fazê-lo, mando prender-vos». Desde então, não voltaram a vir em dia de sábado. ²²Disse aos levitas que se purificassem e viessem vigiar as portas, a fim de se santificar o dia de sábado.

Recorda-te em meu favor também disto, ó meu Deus, e tem piedade de mim, pela tua grande misericórdia.

Os casamentos mistos (Esd 9-10; Ml 2,10-16)^b

²³Por essa altura reparei também que alguns judeus tinham tomado por esposas mulheres de Asdod, de Amon e de Moab. ²⁴Metade dos seus filhos falavam a língua de Asdod ou de algum dos outros povos, mas não sabiam falar a língua judaica^c. ²⁵Censurei-os e amaldiçoei-os, bati em alguns e puxei-os pelos cabelos. E obriguei-os a jurar, em nome de Deus: «Não dareis as vossas filhas em casamento aos filhos deles e não tomareis as filhas deles como esposas para os vossos filhos nem para vós mesmos. ²⁶Porventura não foi por esta razão que Salomão, rei de Israel, pecou? E, no entanto, não havia entre as nações nenhum rei como ele, o amado de Deus, que o constituiu rei sobre todo o Israel. Foram as mulheres estrangeiras que o induziram em pecado^d. ²⁷Deveríamos, então, escutar-vos e cometer este grande mal de ser infíeis a Deus, tomando por esposas mulheres estrangeiras?»

²⁸Um dos filhos de Joiadá, filho do sumo-sacerdote Eliachib, era genro de Sanebalat, o horonita, e, por isso, bani-o da minha presença.

²⁹Recorda-te, ó meu Deus, daqueles que assim profanam o sacerdócio e a aliança dos sacerdotes e dos levitas^e.

³⁰Purifiquei-os assim de tudo o que é estrangeiro e restabeleci o serviço aos sacerdotes e aos levitas, cada um na sua função. ³¹Dispus também o que se refere à oferta de lenha, nas alturas determinadas, e aos primeiros frutos.

Recorda-te de mim, ó meu Deus, para meu bem.

^a O tempo de descanso do sábado começa ao pôr-do-sol de sexta feira e termina ao pôr-do-sol de sábado.

^b Sobre a questão, dos casamentos mistos, cf. a nota a Esd 9.

^c Esta variedade de linguagens referidas, tanto junto ao mar como a oriente do Jordão, eram certamente modalidades regionais e dialetais da mesma língua fundamental derivada da antiga língua de Canaã, da qual o hebraico foi a variedade mais representativa, por ter conservado, com a Bíblia, um património literário mais amplo. O que aqui se designa como a *língua judaica* era a variedade praticada na região da Judeia e na sua cidade principal, Jerusalém.

^d A expressão *amado de Deus* parece ser uma referência ao nome que o profeta Natan deu a Salomão após o nascimento: Jedidias (*amado de Deus*), (2Sm 12,24-25). Sobre o casamento com mulheres estrangeiras, cf. 1Rs 11,1-13.

^e Cf. nota a 3,36-37.

PARALELOS

1,5: Dn 7,9 | **1,10:** Dt 9,29.

2,9: Esd 8,22.

3,2: Jr 31,38 | **3,37:** Jr 18,23.

5,5: Ex 21,2.

7,6: Esd 2,1-70.

8,14: Lv 23,33-36.39-40.

9,7: Gn 12,1; 17,5 | **9,8:** Gn 15,18-21 | **9,9:** Ex 2,23-25; 14,15 | **9,10:** Ex 7-11 | **9,11:** Ex 14; 15,5 | **9,12:** Ex 13,21 |

9,13: Ex 19 | **9,14:** Ex 20,8 | **9,15:** Ex 16; 17,1-7 | **9,17:** Nm 14,4 | **9,18:** Ex 32,1-8 | **9,22:** Nm 21,21-35.

10,37: Ex 13,1-2.11-16 | **10,38:** Nm 15,19-21; Lv 27,21 | **10,39:** Nm 18,26.

12,45: 1Cr 23; 25; 26 | **12,46:** 2Cr 29-30.

13,1: Dt 23,3-6 | **13,26:** 1Rs 11; 2Sm 24-25.